

● CARTAZ DO ● FESTIVAL DE JAZZ EM PORTUGAL

CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DOS
PARADIGMAS GRÁFICOS ADJACENTES

FÁBIO ALVES DE ALMEIDA
MESTRADO EM DESIGN DA IMAGEM
FBAUP 2009

O CARTAZ DO FESTIVAL DE JAZZ EM PORTUGAL

CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO DOS
PARADIGMAS GRÁFICOS ADJACENTES

FÁBIO ALVES DE ALMEIDA
MESTRADO EM DESIGN DA IMAGEM
FBAUP 2009

AGRADECIMENTOS

Não poderia iniciar a apresentação deste trabalho sem antes agradecer o imprescindível apoio que desde o início deste projecto em Novembro de 2008, me foi dirigido:

Aos meus pais Luís e Nema Almeida; ao meu irmão Celso; aos meus fiéis amigos; ao senhor Professor Doutor Heitor Alvelos e ao Senhor Professor Mestre Adriano Rangel, cuja referente sábia orientação e co-orientação foram imprescindíveis; à Discantus pela simpatia e pelos cartazes facultados; à JACC (Jazz ao Centro Clube) pela rápida coadjuvação; a todos aqueles que tiveram perseverança para responder aos inquéritos e entrevistas quando oportunas; às organizações de todos os Festivais de Jazz que me apoiaram facultando-me material indispensável para o sucesso do trabalho; às organizações dos Festivais de Jazz que arrogantemente me ignoraram e usaram, permitindo-me enxergar de forma mais lúcida o que é Portugal e as condicionantes a todos os níveis que um jovem em investigação académica pode enfrentar,

A todos o meu sincero obrigado!

RESUMO

No âmbito social, histórico e musical muito foi já dito e escrito sobre Festivais de Jazz em Portugal, mas infelizmente o mesmo não pode ser dito em relação ao aspecto gráfico. O cartaz de rua, meio mais frequente de publicitação desses festivais, acaba quase sempre por morrer no esquecimento a partir do momento que cumpre a sua função. Assim sendo, poucos são os festivais que catalogam e dão acesso aos seus artefactos gráficos ao longo das suas edições. Desta feita, muitos trabalhos interessantíssimos acabam por cair no esquecimento. Nesse sentido, no percurso desta investigação, irão ser recolhidos e analisados diversos cartazes de festivais de Jazz em Portugal, permitindo-me levantar não só questões de âmbito gráfico como também social. No decorrer dessa análise irão surgir questões pertinentes às quais responderei, tais como:

- Qual a solução tipográfica mais utilizada nos festivais de Jazz?
- Qual a paleta de cor mais utilizada nas composições?
- Qual a frequência da utilização de instrumento musicais como meios ilustrativos da composição dos cartazes? Qual o instrumento mais utilizado?
- Quais os Festivais de Jazz em Portugal com os grafismos mais eficazes e apelativos?
- Qual o papel do próprio designer na criação da imagem desses eventos?
- Qual o peso da localização geográfica do festival nos próprios grafismos?

Questões como estas e mesmo outras irão ser por nós respondidas, algumas delas atendendo a estudos estatísticos alargados à análise de centenas de cartazes, permitindo com um grau científico considerável analisar como se encontram os grafismos de Jazz em Portugal, identificando historicamente e cronologicamente a sua evolução. Tal estudo permitir-nos-á também reunir um conjunto de características que espelharão a génese de um cartaz do estilo, ou seja, propriedades comuns à maioria dos artefactos gráficos analisados. Analisar-se-ão também questões ligadas à aceitação ou à rejeição de determinadas convenções visuais por parte do público e organizadores dos eventos, reflectindo sobre a própria sanidade do design em Portugal, estudando até que ponto é admirado e/ou correctamente utilizado por determinadas conjunturas socioculturais.

ABSTRACT

Socially, historically and musically, a lot has been said and written about Jazz Festivals in Portugal. However, their graphical component is seldom analyzed and catalogued. Bill posters, the most frequent means of publicizing these festivals, are almost always forgotten as soon as their usefulness has expired. This being so, there are few Festivals which catalog and allow access to their graphical artifacts from previous editions. Consequently, many extremely interesting works are forgotten.

Therefore, during this academic investigation, various posters for Jazz Festivals in Portugal will be grouped and analyzed, allowing the raising, not only of issues related to graphics but also issues of a social nature. Pertinent questions arising during the course of the analysis will be answered. For example:

- Which is the most used typographical solution in the Jazz Festivals?
- Which is the most used color pallet in the graphical compositions?
- What is the frequency of use of musical instruments as illustrations within the composition of the posters? Which is the most used instrument?
- Which are the Jazz Festivals in Portugal with the most effective and appealing graphics?
- What is the role of the designer himself in the creation of these events' image?
- To what extent does the geographical location of the festival influence the actual graphics?

These and other questions will be answered. Some will be answered on the basis of statistical studies which include an analysis of hundreds of posters and allow a descriptive analysis of Jazz graphics in Portugal, historically and chronologically identifying their evolution with a considerable scientific degree. Such a study will also allow the determination of a set of characteristics, (in other words, the properties common to the majority of the graphical artifacts analyzed) from which a template poster can be generated.

Nevertheless, questions linked to the acceptance or rejection of certain visual conventions on the part of the public and event organizers will be analyzed, at the same time considering the character of design in Portugal, studying to what extent it is admired and/or used correctly for certain socio-cultural conjunctures.

ÍNDICE

Agradecimentos -----	3
Resumo/Abstract -----	4,5
CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO, OBJECTIVOS E RECOLHA DE FESTIVAIS DE JAZZ E RESPECTIVOS CARTAZES	
1.1. Contextualização -----	10
1.2. Introdução -----	14
1.3. Festivais de Jazz de A a Z -----	18
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS, LEVANTAMENTO DE PROBLEMÁTICAS E INSERÇÃO DA COMPONENTE PRÁTICA	
2.0. Problemáticas Adjacentes -----	23
2.1. Problemática do Autor: Estandarização V.S Linguagem Pessoal -----	24
2.2. Problemática da Localização: Unicidade Geográfica V.S Indiferença Geográfica -----	32
2.2.1. Problemática da Localização: Trabalho Prático-----	36
2.3. Problemática da Paleta: Coloração Tradicional V.S Confrontação Alternativa -----	44
2.4. Problemática do Objecto: Instrumentos Musicais V.S Ausência de Instrumentos Musicais -----	50
2.5. Problemática Tipográfica: Tipografia Tradicional V.S Tipografia Alternativa -----	56
CAPÍTULO 3 - CONCLUSÃO	
3.0. Conclusão -----	64
4.1. Bibliografia-----	68
4.2. Bibliografia Web-----	70
5.0 Anexos-----	72
5.1 Entrevistas -----	73
5.2 Cartazes de Jazz -----	80

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO, OBJECTIVOS,
RECOLHA DE FESTIVAIS DE
JAZZ E RESPECTIVOS
CARTAZES



Portugal apresentava-se nos inícios do século XX (altura do nascimento do Jazz na América) como um país pacato, marcadamente rural, conservador e fortemente tradicionalista. A partir daí e, pouco a pouco, o Jazz foi chegando a Portugal, tornando-se de veras delicada a aceitação do estilo no país, devido em grande parte, à maquinaria do Regime e às mentalidades do povo centralizadas na Trilogia da Educação Nacional “DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA” (in Nóvoa, 1992, *Op. Cit.*, p.459).

“ Não obstante a tendência muito generalizada a considerar a música como uma esfera separada da política, ela é, pelo contrário, uma das artes que, desde a mais remota antiguidade, mais se inter relaciona com as questões do Estado e do Poder, de estratificação social e de identidade nacional ou de grupo, de religião e de moral, de discriminação ou de afirmação do género, etc.” (Mário Vieira de Carvalho in Rosas e Brito (direcção), 1996, Vol. II, “ Música Erudita”, pp 647 a).

“ (...) o Jazz chegou tarde a Portugal. Tarde e não atrasado. Que a culpa não foi do Jazz que cedo navegou e voou para o outro lado do Atlântico, mas dos detentores do Poder de Lisboa que aprisionaram o País, fechando-lhe as fronteiras. Porque não foi só o caminho para Paris, Londres ou Roma que a ditadura tentou cortar. Também os Homens foram cercados, um muro para os olhos, outro para os ouvidos.” (Curvelo, 2002, in “Jazz em Portugal (1920-1956)” by Hélder Martins, p. 121)

No entanto, graças á persistência e dedicação de pessoas como Luiz Villas-Boas, Ivo Mayer, Luís Sangareu e mais amigos do Jazz, pouco a pouco, de forma implosiva, o ouvido do comum português foi educado a ouvir música diferente, a aceitar e apreciar culturas dissemelhantes, ampliando a sua receptividade.

Género musical profundamente ligado a um público-alvo bastante específico, desde sempre se enraizou como uma arte alternativa, magnânima e espontânea, oferecendo ao público momentos exclusivos, a arte do agora, a improvisação. Culto imperial da individualidade e criatividade, desde muito cedo apaixonou os seus ouvintes, sendo uma “música viva para gente viva” como afirmava Villas-Boas (José Duarte *in* “Jazz em Portugal (1920-1956) ” *by* Helder Martins, p.16).

“Como o Jazz é uma coisa difícil (...) as próprias pessoas que gostam de *Jazz* têm um bocado a mania de o tornar ainda mais difícil do que é, e como se queixam muito, e com razão, de que o Jazz é uma música metida num *gheto* - o problema dos músicos americanos, etc. — Temos uma tendência masoquista de nos encerramos nesse *gheto* sempre: «isto é uma coisa muito complicada, que ninguém gosta, somos uma minoria... e isso, subjectivamente, cria nas pessoas esta ideia de que somos os eleitos».” (entrevista a Manuel Jorge Veloso, *in* “Jazz em Portugal (1920-1956) *by* Helder Martins, p. 173)

Hoje, tempo de bonança, o Jazz conquistou o seu lugar no cenário cultural nacional, existindo dezenas de festivais, escolas de Jazz, escolas superiores de Jazz, criativos, divulgadores, promotores e sobretudo um público-alvo cada vez mais abrangente e diversificado, difundindo e enraizando o estilo.

Apesar do Jazz se encontrar de boa saúde e de recomendar-se, foi para o autor do presente estudo a sua paixão pelo género musical que o fez querer entender ainda mais profundamente as suas filosofias e, mais especificamente, a sua linguagem visual, a sua roupagem e os seus grafismos. Confessa assim que, desde muito novo, se sentiu majestosamente atraído pelas gráficas poderosas das grandes editoras norte americanas no período fulgente do Jazz, donde se destaca *Blue Note; Columbia; Capitol; Impulse*, ou até editoras mais tímidas como a *Bethlehem* ou *Strata-East*, sendo assim estimulado a compreender qual o status da imagem do *Jazz* em Portugal, quando comparado a estes supra sumos discográficos.

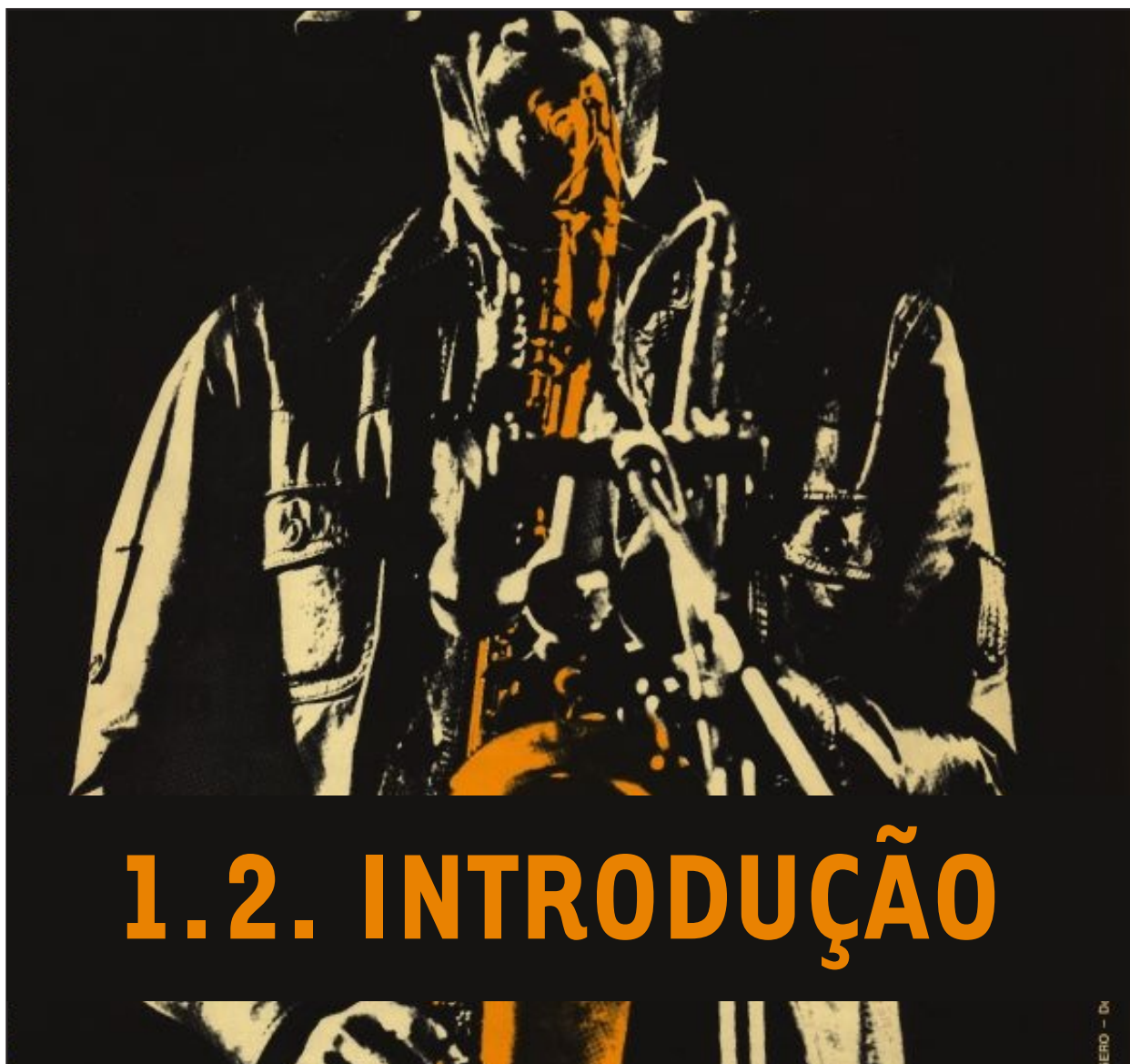
Após compreender aspectos relacionados com a produção gráfica ligada ao Jazz norte-americano e o contexto histórico-cultural do Jazz em Portugal, não será difícil compreender que são campeonatos completamente distintos. A verdade é que, a indústria do Jazz Português apesar de já existir, ainda se encontra numa remota adolescência, pois muitos dos músicos nacionais ainda hoje recorrem a edições de autor editando os seus trabalhos para se auto-promoverem e afirmarem no mercado discográfico. Logo, com orçamentos limitadíssimos muitos deles, acabam no seu

amadorismo gráfico autodidacta, por serem também eles próprios os designers dos seus discos. Como seria de esperar os resultados acabam muitas vezes por deixar muito a desejar. Mesmo que existam casos divergentes nunca nos poderemos esquecer que certas editoras tendem a moldar os seus trabalhos gráficos segundo cânones específicos referentes a uma certa identidade, o que pode tornar-se limitador e conseqüentemente desajustado. Assim sendo, o objecto de estudo constituiria na sua génese um universo de recolha bastante limitado, qualitativamente e quantitativamente, teria então de perfilhar outro caminho. Por excelência o festival internacional de Jazz é o evento mais pomposo dentro do universo jazzístico, constituindo (ao contrário das capas de CD) um objecto de estudo gráfico muito apetecível, pois é do conhecimento geral que eventos deste género muitas vezes sustentam orçamentos volumosos, envolvendo especiais cuidados de publicação e propaganda. Não obstante, com frequência se verifica que o design é criado ou patrocinado pelas próprias autarquias locais ou centros culturais referentes e assim sendo amplia consideravelmente o objecto deste estudo, que se reflecte também de forma generalista e alargada ao estado do design em Portugal.

Dentro deste universo o cartaz de rua é a forma de design mais resistente, e sem dúvida o meio de divulgação mais usual e com impacto mais relevante e foi sempre visto como uma oportunidade para o designer provar todas as suas capacidades.

“The Poster is one of the oldest mass communication mediums of printed culture in public places (...) posters became a part of the city architecture. Even if digital media, such as television overshadow posters, they are still an effective medium with several advantages; relatively inexpensive, uncomplicated, easily distributable and displayable”. (Linda Rampell in “111 posters by Gabor Polotai” by Gabor Polotai)

Nesse sentido, será importante pesquisar o maior número de festivais nacionais possíveis, tentando recolher o máximo de edições de cartazes referentes (pelo menos em formato digital), analisando e catalogando-os, tentando descobrir e identificar características interessantes comuns e o seu grau de identificação conceptual ao estilo.



1.2. INTRODUÇÃO

Analisou o autor desta investigação todos os cartazes recolhidos, na pesquisa de características comuns que o auxiliassem na descoberta de uma linguagem gráfica de Jazz, nunca perdendo de vista, como é óbvio, os próprios preceitos e ideais em que o Jazz assenta. Para sua surpresa, verificou e contabilizou 64 festivais activos em Portugal, que correm o país de lés-a-lés, admitindo contudo a possível existência de outros festivais, dada a enorme popularidade e o reconhecido sucesso do Jazz no panorama português.

Muito tempo foi dispendido pelo autor na recolha e análise de todos os cartazes desses festivais. Infelizmente não se pôde usufruir do bom senso e da pronta participação por parte de todos os organizadores, tendo havido muitas cartas e mensagens por correio electrónico que não receberam qualquer resposta. Mesmo assim e pela sua persistência, acabou por recolher um número considerável desse conjunto, que lhe possibilitou analisar e compreender assuntos interessantes adjacentes. Para facilitar a organização do seu trabalho, resolveu criar um conjunto de problemáticas, em que um conceito gráfico é sempre posto em causa com um contra-conceito (A versus B), o que torna assim mais inteligível a mensagem, bem como a própria conclusão. Pensa que o mais importante foi verificar as características gráficas como a cor mais usual, o objecto ilustrativo mais utilizado e a tipografia mais comum, não descurando no entanto outros

factores importantes e também relevantes, como a unicidade da sua autoria ou da sua localização. Pensa o autor do presente estudo, que com a análise de todas estas problemáticas, conseguiu atingir uma noção objectiva, não só do estado do design em Portugal e do seu percurso cronológico, mas também das suas características e mesmo cânones frequentemente utilizados na produção de cartazes de festivais de Jazz no seio nacional.

De referir ainda que muitos desses festivais são hoje referências europeias de puro bom gosto, e que são palcos para novas cores, novas concepções e novas perspectivas sobre a música. No entanto, e apesar de muitas vezes sustentarem obras gráficas notórias, o designer desses eventos fica-se muitas vezes no anonimato, sendo reconhecido maioritariamente por outros profissionais, sobretudo dos ligados à área gráfica, mas raramente pelo comum cidadão. O cartaz de rua vive euforicamente, mas apenas durante um curto espaço temporal, desfalecendo-se de seguida juntamente com a memória de um evento passado e com o próprio desgaste do papel na rua.

Mesmo assim, felizmente, existe hoje alguma documentação sobre alguns festivais de Jazz em Portugal, principalmente aqueles que sustentam algum peso histórico, retratando o contexto histórico-cultural desses êxitos, mas mesmo assim raramente é explicitada a parte gráfica. Ora tudo o que se disse é sinónimo duma enorme lacuna informativa nesta área, pois como iremos observar existem obras gráficas interessantes que abraçam certos paradigmas gráficos curiosos adjacentes, que cairiam muito em breve no esquecimento, caso não fossem estudadas nesta dissertação. Analisá-los constitui um objecto de estudo interessantíssimo, pois estabelece, entre outras coisas, quadros gráficos específicos, que reflectem o estilo musical e cânones ligados a uma produção gráfica direccionada para esse fim, mas também, um quadro cronológico alargado, constituído por cerca de 3 décadas de produções gráficas, espelhando o percurso evolutivo do próprio cartaz em Portugal. Este estudo, constitui-se também assim numa contribuição profícua à compreensão gráfica da história visual desses festivais e conseqüentemente a um complemento informativo à própria história do Jazz em Portugal. A evidência da lacuna atrás referida e a escassez de informação, fazem-nos formular com frequência as seguintes questões típicas:

Qual a paleta cromática do Jazz?

Qual o instrumento musical mais conotado visualmente com o Jazz?

Qual a solução tipográfica mais adequada ao estilo musical visado?

Quais os Festivais de Jazz em Portugal com os grafismos mais eficazes e apelativos?

Qual o estado dos grafismos de Jazz em Portugal? Estarão eles desajustados em relação aos preceitos do Jazz?

Qual o papel do próprio designer na criação da imagem desses eventos?

Qual o peso da localização geográfica do festival nos próprios grafismos?

Como é óbvio, muitas outras perguntas existem que poderiam ser colocadas sobre este assunto e todas elas são válidas e nas suas respostas reside a informação necessária para se compreender a roupagem deste estilo musical, bem como as características gráficas referentes mais usuais utilizadas. Apontando na mesma direcção, será também interessante contemplar até que ponto as autarquias, centros culturais locais ou particulares resolvem os problemas gráficos ligados aos grafismos dos festivais. Será importante identificar e analisar quais as estratégias de branding mais usuais para transmitir ao cidadão não só a mensagem informativa do cartaz, mas também a sensação de confiança na qualidade das diferentes edições do festival, a tradição, a herança cultural que o ano precedente lega ao seguinte, tão importante para o sucesso a médio/longo prazo do festival, como iremos posteriormente constatar. Vejamos agora então a lista de Festivais de Jazz em Portugal descobertos até ao momento.

1.3. FESTIVAIS DE “A” a “Z”

A)

- Almodôvar com Jazz
- Algarve Jazz
- Angra Jazz, Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo, (Outubro)
- Festival Internacional de Jazz de Alandroal (Março)
- Festival de Jazz da Alta Estremadura (Leiria e Marinha Grande, Setembro/Outubro)
- Festival Jazz de Albufeira (Setembro)
- Festival Jazz'Abrir (Aljezur, Agosto)
- Maio Jazz (Almodôvar)
- Jazzmin, Festival Internacional de Jazz de Aljustrel

B)

- Festival de Jazz de Beja, Jazz no Feminino (Abril)
- Braga Jazz (Março)

C)

- Jazz ao Centro, Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra (Novembro)
- Festival Internacional de Dixieland (Cantanhede, Junho)
- Cool Jazz Fest (festival itinerante)

D)

- Festival Internacional Douro Jazz (festival itinerante, Setembro/Outubro)

E)

- Jazz num dia de Verão, Estoril Jazz (Julho)
- Encontros de Jazz de Évora
- Festival de Jazz de Espinho
- Festival de Jazz de Estremoz
- Est'Jazz (Estremóz)

F)

- Jazz no Inverno em Faro (Dezembro)
- Festival Internacional de Jazz da Figueira da Foz
- Funchal Jazz (Madeira, Julho)
- Xôpana Jazz (Funchal, Agosto/Setembro)

G)

- Guimarães Jazz (Novembro)
- Jazz n'Gaia
- Jazz nas Alturas (Guarda, Junho)

I)

- In Jazz Fest (festival itinerante)

L)

- Jazz em Agosto (Lisboa, Gulbenkian)
- Festival Jazz Lagoa
- Portugal Jazz no CCB (Lisboa, Dezembro)
- Festa do Jazz, (Lisboa, S. Luiz, Maio)
- *Festival Internacional de Jazz de Loulé (Julho)*
- *Lagos Jazz*

M)

- Jazz Minde, Festival de Jazz de Minde (Junho e/ou Julho)
- Festival Jazz da Marinha Grande
- Matosinhos Jazz (Abril)
- Mafra Jazz Festival

O)

- Ciclo Internacional de Jazz de Oeiras (Setembro)
- Jazz no Mar Alto (Nazaré)
- Olhão Jazz Festival
- Tass Jazz (Odemira)

P)

- Festival Internacional de Jazz e Blues (Pontevedra)
- Festival Jazz de PDL (Ponta Delgada, Açores)
- Festival de Jazz do Porto
- Jazz na Relva (Paredes de Coura)
- Jazz no Parque, Fundação de Serralves (Porto, Julho)
- Portalegre Jazz Fest, Festival de Jazz de Portalegre (Fevereiro)
- Porto Blue Jazz

S)

- Festival Jazz Santarém (Junho)
- Seia Jazz (Fevereiro, Março)
- Seixal Jazz (Setembro)
- Sines em Jazz (Junho)
- Rendez Vous Jazz Fest (Setúbal)

T)

- Rota Jazz, Festival de Jazz da Trofa (Maio)
- Festival de Jazz de Tondela
- Tavira Jazz (Abril)
- Tomar Jazz (Outubro)
- Torres Vedras Jazz (Junho)

V)

- Festival Jazz Viana do Castelo (Julho)
- Festival de Jazz de Valado dos Frades (Abril)
- Jazz Além Tejo, Vila Nova de Santo André (Julho)

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DOS DADOS RECOLHIDOS,
LEVANTAMENTO DAS PROBLEMÁTICAS
E INSERÇÃO DA COMPONENTE
PRÁTICA

2.0. PROBLEMÁTICAS ADJACENTES

Após ter o autor desta investigação recolhido um número considerável de cartazes que lhe possibilitaram ter um objecto de estudo sólido, estava na altura de identificar possíveis problemáticas gráficas, que através da confrontação com o seu antónimo conceptual e os ideais filosóficos do Jazz, o conduziriam para uma solução científica, que o elucidasse não só sobre aspectos gráficos mas também culturais e que permitisse conhecer a fundo questões relacionadas com a aceitação/rejeição social de determinadas conjunturas visuais.

Resolveu hierarquizar esta análise dividindo-a em 5 grandes problemáticas, cada uma delas organizada por dois conceitos secundários que são posteriormente confrontados. Assim sendo, é possibilitado ao leitor não só analisar um contexto, como também, constatá-lo confrontando-o contra outro divergente, o que constitui assim um objecto de estudo de compreensão mais simples como iremos observar posteriormente.

Foram as seguintes as problemáticas analisadas:

1- Problemática do Autor

2- Problemática da Localização

3- Problemática da Paleta

4- Problemática do Objecto

5- Problemática Tipográfica

Na primeira problemática, ir-se-á investigar a fundo qual o papel do autor do cartaz no festival de Jazz e de que modos as políticas de identidade gráfica são tratadas no evento; na segunda, debruçando-se geograficamente nas localizações singulares de cada festival, ir-se-á examinar se existem diferenças locais entre os cartazes, derivadas de factores geográficos, ou se tal é simplesmente ignorado; na terceira, conferir-se-á se o instrumento musical é bastante usado no cartaz de Jazz, tentando verificar qual o mais conotado ao estilo; na quarta analisar-se-á cromaticamente artefactos digitais recolhidos tentando descobrir qual a cor do Jazz em Portugal e se tal gama cromática se encontra dentro dos ideais do estilo; por último, a quinta problemática, a tipográfica, será uma análise do tipo de letra nos cartazes, assim como a sua relação com a composição identificando os casos mais usuais.

Com estas problemáticas concluídas pensa o autor deste estudo obter a informação suficiente para rumar na direcção de uma conclusão geral, identificando normas, convenções visuais e filosóficas a que o cartaz do festival internacional de Jazz em Portugal obedece.



2.1. PROBLEMÁTICA DO AUTOR ESTANDARDIZAÇÃO V.S LINGUAGEM PESSOAL

Esta primeira problemática estará relacionada com a evolução cronológica de alguns festivais com bastante tradição e história no seio nacional.

Analisemos cartazes do Estoril, Jazz num dia de Verão, festival com elevado orçamento que dá continuidade ao lendário Cascais Jazz. Não será de todo difícil constatar que os cartazes são sempre semelhantes apesar de desfasados cronologicamente; é de facto surpreendente constatar que o cartaz de 1991 é parecidíssimo ao de 2009, são portanto 18 anos sem uma evolução gráfica notória, a que, se juntarmos o Cascais jazz, Jazz num dia de Verão, festival onde surgiu o motivo ilustrativo que abunda nos cartazes posteriores arredonda a conta para os 27 anos. Assim sendo, o papel do designer parece-me ser desprezado, assim como, a utilidade do próprio design como meio inovador, a evolução dos tempos, do mercado e prioritariamente a evolução da cultura visual. É perfeitamente visível uma atitude de ausência de linguagem individual gráfica, sendo completamente estandardizada a grelha estrutural da composição assim como o referente campo cromático em todas as edições do festival, a mudança é portanto rejeitada e quase nula. Vejamos agora alguns cartazes de edições deste festival para percebermos visualmente as questões que têm sido relatadas anteriormente.

FIG.1
CARTAZ DO FESTIVAL ESTORIL JAZZ, JAZZ NUM DIA DE VERÃO

ESTORIL
JAZZ 2009

26 de JUNHO a 5 de JULHO
CENTRO DE CONGRESSOS DO ESTORIL

26 de Junho
JAMES CARTER

27 de Junho
JAZZ EM MIUDOS
JON MAYER
ROSEANNA VITRO /
/KENNY WERNER

28 de Junho
CHICK COREA

3 de Julho
DAVID MURRAY

4 de Julho
MINGUS DYNASTY

5 de Julho
CHRISTIAN McBRIDE

JAZZ NUM DIA DE VERÃO

Produção:
PROJAZZ
DM
PRODUÇÕES

www.projazz.pt

C Cascais
Câmara Municipal

estoril
CENTRO DE CONGRESSOS

TURISMO DE PORTUGAL

MC
Município de Cascais

dgARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES

CASINO ESTORIL

FIG.2, 3
 CARTAZES DE EDIÇÕES PASSADAS DO FESTIVAL ESTORIL JAZZ, JAZZ NUM DIA DE VERÃO



A análise continuou e apesar deste caso ser de facto o mais jactancioso, curiosamente nota-se noutros festivais também uma certa tendência para a estandardização gráfica das edições, como por exemplo o *Lagos Jazz* ou no *Angra Jazz*.

Se visualizarmos alguns cartazes do *Lagos Jazz* (disponíveis em anexo), conseguiremos de imediato reconhecer o mesmo problema apesar da imagem de *background* modificar em cada edição. A mudança é apenas feita através da fotografia dos artistas que vão ao evento, no entanto a abordagem gráfica do festival mantém-se idêntica ao longo dos últimos 4 anos, a moldura é sempre semelhante.

No caso específico do *Angra Jazz*, onde é evidente o mesmo problema, Miguel Cunha, pessoa bastante cortês, organizador e autor dos cartazes, comunicou via correio electrónico, tendo referido para justificação da linha gráfica dos cartazes o seguinte: "Todos os cartazes são da minha autoria (tenho formação em arquitectura e sou sócio gerente da empresa MMC Arquitectura e Design que aparece referida nos cartazes).

Quanto à "história gráfica" dos cartazes, as coisas passaram-se assim:

O primeiro cartaz pretende lançar o logótipo do Festival, usado durante dois ou três anos e que depois evoluiu para o que lhe envio em anexo. Nos cartazes de 2000, 2001, 2002 foram experimentadas várias abordagens, até ao nível de formatos. Nesses anos o cartaz era divulgado essencialmente no comércio local (montras) e portanto procurou-se uma linguagem que chamasse a atenção, nomeadamente



pelo uso da cor. De facto não houve qualquer preocupação em estabelecer uma abordagem de continuidade. Em 2003 dá-se a mudança do festival dos Claustros de Museu de Angra para o novo Centro Cultural e de Congressos, e nesta altura pensa-se o festival e a sua divulgação de uma forma mais definitiva. O cartaz foi alterado em termos de formato de modo a incluir no verso fotos e pequenas notas biográficas sobre os músicos presentes e informação sobre as actividades paralelas.

Abandona-se a divulgação nas montras dos estabelecimentos comerciais, e avança-se para outdoors de grande dimensão, e para a distribuição do cartaz em encarte no principal jornal diário local. Assim o cartaz da 5ª edição tem o formato alongado (que dobra em 6, ficando do tamanho A5) e tem uma abordagem muito gráfica com o saxofone a branco no fundo azul. Inicia-se um novo ciclo. Nos cartazes dos anos seguintes – 2004, 2005, 2006 e 2007 – mantém-se o formato, e procura-se uma continuidade tanto em termos das fotografias, como das cores utilizadas. Em 2008, edição comemorativa dos 10 anos do festival, embora mantendo o formato, volta-se a uma abordagem mais gráfica, ainda com o saxofone como motivo. É propositadamente um cartaz diferente do dos anos anteriores.

Neste próximo ciclo de 4 anos, estamos a pensar em manter uma imagem de continuidade – cartazes na linha dos de 2004/5/6/7 – mas em substituição das fotografias dos instrumentos utilizar fotografias de imagens de pormenor identificativas da cidade de Angra. Será um novo ciclo mas com continuidade em termos de técnica, abordagem e tons.”

Neste caso é notória a tentativa de demonstrar um conceito de tradição gráfica através de uma sistematização estandardizada de grelhas organizadoras, desta forma é dado ao público uma noção de continuidade de entrega, tal como Miguel justifica anteriormente.

É realmente necessário vincar a importância do conceito de **tradição** como justificativo para esta barreira criativa, e até mais do que isso, percebermos o que é isso de tradição. Após uma breve pesquisa na Wikipédia constatámos que tradição provém do termo latim “traditio”, “tradere” que significa entregar, ou seja o conceito baseia-se literalmente na transmissão de algo, é num sentido amplo tudo **aquilo que uma geração herda das precedentes e lega às seguintes.**

Será evidente que as gerações aqui são as edições do festival, e portanto o objectivo de um Festival a médio prazo ou mesmo longo, será delegar algo para a edição seguinte sem esquecer as precedentes. A verdade é que este conceito nos parece simpático, e útil, pois o público tem que ter confiança no produto, no entanto, não sabemos se simplesmente será estritamente necessário ser rígido para obedecer à tradição, aliás porque nunca nos podemos esquecer que as tradições têm sempre origem humana e como tal, são passíveis de ser desajustadas quando não estão interligadas filosoficamente com os preceitos culturais do campo a que se destinam. É então aqui que surge um conjunto de contendas e antíteses relacionadas com esta relação entre tradição rígida e os ideais do Jazz. São elas:

Se o jazz valoriza a individualidade e singularidade da linguagem pessoal, o cartaz referente não deveria obedecer a estas guias filosóficas, ao invés de ser estruturalmente rígido e estandardizado?

Será possível manter o conceito de tradição gráfica sem abdicar dos ideais filosóficos do Jazz?

É precisamente aqui que entra uma antítese gráfica a todos estes casos, o Guimarães Jazz. Será interessante fazer uma pequena comparação. Este festival ao contrário dos anteriormente referidos, apresenta-nos cartazes diferentes em todas as edições recolhidas (os seus grafismos desde 2005 estão a cargo da dupla de designers “Martino&Jana”), tendo só na última edição criado 9 cartazes para publicar nas ruas, um geral e oito referentes a artistas individualmente, um para cada dia do evento. Neste caso a identidade dos autores dos cartazes é valorizada, distinguindo-os de qualquer outro autor através de características ligadas à sua própria linguagem pessoal, mas mais do que isso, distinguindo graficamente a instituição para quem eles trabalham das restantes nacionais.



É de facto espirituoso observar como o conceito de tradição se encaixa perfeitamente neste caso, mesmo abdicando de grelhas estruturais estandardizadas, todos os cartazes transpiram identidade, principalmente desde 2005, altura em que os organizadores sentenciaram que algo deveria mudar. Se visualizarmos os últimos 9 cartazes referentes à última edição (2008) vamos reparar que efectivamente todos eles pertencem ao mesmo artista, pois traduzem características gráficas únicas pertencentes aos criadores, pois desta forma todos eles possuem a tradição implícita, só que neste caso, a tradição, ao contrário da anterior, é inovar e criar obras únicas, é ser original, não obedecendo a sistemas de organização estereotipados, nem a grelhas estruturais pré-definidas, realizando não apenas um cartaz para cada edição, mas um para cada concerto de cada edição, elevando ainda mais a fasquia e abrindo ainda mais o “Grand Kenian” que separa a qualidade gráfica deste festival contra qualquer um dos anteriormente analisados, enquadrando-se assim dentro das filosofias do Jazz, pois o autor é valorizado assim como a sua criatividade, nunca descartando a sua linguagem pessoal, o seu fraseado próprio.

Felizmente este caso não é isolado e grafismos muito eficazes como os do Funchal Jazz, Braga Jazz, entre outros, marcam Portugal com puro bom gosto e identidade. Para avançarmos ao encontro de uma conclusão para esta problemática será importante dedicar especial atenção à pequena citação de Ellis Marsalis, reconhecido instrumentista internacional:

“At a time when individualism is becoming an endangered specie, jazz represents a celebration of the individual.” (in <http://ma.tt/jazzquotes/Ellis-Marsalis>, 10/06/2009, 22:47)

Será evidente que o Jazz se fundamentará filosoficamente no princípio do improviso, na linguagem e fraseio pessoal, na peculiaridade de cada sujeito. Assim sendo o verdadeiro cartaz de Jazz deveria ser um acto de criação único, cada edição deverá ter pelo menos um carácter gráfico exclusivo (ou subindo a parada com o Guimarães Jazz, um cartaz exclusivo para cada concerto do festival), logo a standardização de grelhas estruturais deverá ser evitada de forma a precaver possíveis paradoxos quixotescos de ordem filosófica que lhes possam estar associados. Vejamos o que pensa Luiz Villas Boas sobre os preceitos do Jazz:

“O que é o Jazz? Música para músicos. A arte do intérprete e não a do compositor. Música de liberdade, excitação, surpresa e alegria. Estas são as respostas que deixamos nesta análise da música de Jazz e dos seus intérpretes” (Villas-Boas, texto do 1º programa “Hot Club”, espólio de Luiz VillaS-Boas, HCP, cit. in Curvelo, 2002, Op. Cit., p.56).

Aquando da entrevista realizada ao Professor Mário Santos, um dos saxofonistas referência do panorama jazzístico nacional e um grande pedagogo, referiu algo interessante quando confrontado com esta problemática:

“ (...) os cartazes devem ser sempre diferentes, e porquê? Porque o Jazz não morreu, não tem um princípio, meio e fim, apenas um princípio; é uma música tão forte (...) O cartaz de jazz não pode ser congelado, pois o jazz é sempre diferente, não existem dois momentos iguais, não pode ser sempre a mesma coisa, pois isso vai contra os princípios do Jazz, a improvisação nunca é igual.”

Agora é lógico que o conceito de tradição visual é importantíssimo, mas neste sentido podemos ter como grande exemplo internacional os grafismos da BlueNote, onde em centenas de composições diferentes a identidade não é olvidada, aliás, como conseguimos observar através das capas de discos apresentadas na página seguinte. Ao invés de criarem uma imagem baseada na rigidez conceberam linhas gráficas únicas e novas convenções de como trabalhar fotografia e tipografia, que resultaram em grafismos muito próprios, que com o elevado número de obras realizadas acabou por se tornar num estilo de trabalho gráfico. Sendo precisamente graças a esse factor que elas vingaram no mundo da música, pois tiveram a capacidade para se adaptarem ao



FIG.10, 11, 12, 13, 14, 15
CAPAS DE DISCOS DA BLUENOTE RECORDS

mercado, mudando e adquirindo uma imagem fortemente individualizada que mesmo assim é plenamente surpreendente e poderosa, pois tal como Matthew Healey afirma, “As grandes marcas nunca mudam e mudam constantemente. O cerne daquilo que atrai o cliente, o significado e valor de uma marca, a sua promessa de satisfação que propicia deve ser constante, é dar sempre ao consumidor algo em que acreditar e levá-lo a permanecer leal a longo prazo. (...) As manifestações de uma marca não só podem como devem mudar. A sua evolução precisa de reflectir a percepção e expectativas mutáveis do consumidor, bem como o desenvolvimento comercial de marcas rivais.” (in “O que é o Branding? by Matthey Healey, ed. Gustavo Gil)



2.2. PROBLEMÁTICA DA LOCALIZAÇÃO

UNICIDADE GEOGRÁFICA V.S INDIFERENÇA GEOGRÁFICA

Será obvio que, os festivais de diferentes localizações descentralizaram o Jazz e são certamente a prova viva que o festival se alastrou a um público mais vasto, geograficamente, sendo a cultura cada vez mais acessível a todos.

No meio de tanta diversidade de festivais de Jazz, o factor que acaba por incidir mais na sua diferenciação é a sua localização geográfica, jornadeando ainda mais longe, é uma espécie de orgulho cultural o nome da terra estar associado ao evento, daí existirem um número considerável de nomes de festivais em que a localidade surge agregada com a palavra Jazz, como por exemplo: *Matosinhos Jazz*, *Funchal Jazz*, *Algarve Jazz*, *Lagos Jazz*, *Angra Jazz*... por aí adiante. Num universo de 64 festivais observados, 41 possuem esta característica.

A singularidade do evento em questão está evidentemente interligada à unicidade dos locais onde decorre e consequentemente ao povo a que ele se destina. Assim sendo, cartazes de localizações diferentes teriam no mínimo de ser algo divergentes, dependendo da linguagem gráfica única do autor, que regra geral será distinta e mesmo que o criador fosse por incrível acaso o mesmo, as condicionantes várias a estes anexados fariam com que as obras fossem obrigatoriamente diferentes.

A verdade é que apesar desta característica individualizar cada festival e lhe atribuir

FIG.16, 17
 CARTAZES DOS FESTIVAIS VALADO DOS FRADES JAZZ E JAZZ ALÉM TEJO



um carácter ainda mais exclusivo ou até mesmo intra-regional surgiram algumas situações contraditórias, que me fizeram reflectir sobre conceitos como o distanciamento geográfico e a maneira como este poderia ser quebrado e de algum modo omitido voluntariamente ou involuntariamente, através do meio de comunicação e partilha mais poderoso da actualidade, a Internet.

Deparou-se então o autor ao longo da sua recolha, com três casos quixotescos. Festivais diferentes, dois de localizações geográficas distintas, especificamente o *Valado de Frades Jazz* pertencente ao concelho da Nazaré e *Almodôvar Jazz*, pertencente ao distrito de Beja no Baixo Alentejo, apresentavam a mesma vectorização simplória no *background*, o mesmo sucedia em Vila Nova de Santo André no festival *Jazz Além Tejo*.

Ficou bastante surpreso, não tanto pela possível apropriação pois é frequente existirem em pequeno grau, tal como é um facto que nenhum trabalho é 100% original, mas pela incrível coincidência de haver 3 casos em Portugal com a mesma ilustração. Tal facto é grave! Para isto acontecer suponho que, alguém possivelmente teve de plagiar uma ilustração de uma qualquer pessoa, colocando em cheque não só a credibilidade do autor dos cartazes citados como a das instituições organizadoras e promotoras do evento.



Com uma extensa procura pensa o autor deste estudo, possivelmente ter encontrado uma hiperligação que poderá ter gerado as cópias, pois encontra-se com bastante mais pormenor de corte do que as imagens dos cartazes, para além disso apresenta um conjunto de vectorizações mais extensas que aquelas que aparecem nos cartazes, a hiperligação que se segue anexa essa imagem, em cima representada. Surgem aqui também algumas questões:

[*http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://rodapedohorizonte.files.wordpress.com/2009/05/desktop_jazz_band.jpg\(..\)*](http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://rodapedohorizonte.files.wordpress.com/2009/05/desktop_jazz_band.jpg(..))

- Como é possível cartazes de localizações geográficas tão distantes serem tão parecidos e partilharem a mesma ilustração?
- Estará este plágio nítido, de facto, ligado a publicações de cartazes e fotografias na Internet, a que toda a grei tem acesso? Nesse caso, terá divergido da hiperligação que se descobriu?
- Teria alguém de facto plagiado algo? Quem o fez e de que forma o fez?

Questões como estas adoçaram mais a curiosidade do autor, fazendo dilatar uma vontade em descobrir se estes casos foram irreflectidos, ou pior, se tal teria sido premeditado e ignorado, o que não seria de todo positivo em eventos culturais de referência nacional. Por tudo isto resolveu dedicar especial afinco a esta problemática dispensando muito do seu tempo na resolução de uma possível solução gráfica para um dos festivais, como seguidamente se verá.



2.2.1. PROBLEMÁTICA DA LOCALIZAÇÃO DESENVOLVIMENTO (TRABALHO PRÁTICO)

Esta problemática foi uma das que mais nos interessou, portanto decidimos, com especial afincamento estudá-la com mais rigor e a ela associar o nosso trabalho prático. Sendo um dos casos mais graves, resolveu-se escolher um dos festivais discriminados para nos propormos a realizar um grafismo novo que retirasse um desses festivais da rota da discórdia e do grafismo pobre e até possivelmente surripiado, contribuindo para aumentar qualitativamente a imagem do Jazz em Portugal.

Como o festival com mais historial era o de Valado dos Frades, já com 12 edições, estando o seu último cartaz associado ao escândalo da ilustração presente na Internet e mais grave ainda, com as próprias cores da composição copiadas (vermelho e preto), sendo uma das apropriações mais petulantes, decidimos reformular a gráfica do evento, apresentando novas propostas. Analisando o cartaz apresentado vemos problemas que vão bem para além do alvoroço da ilustração: um cabeçalho estrutural rígido que deverá ser de todo evitado, como se viu na problemática do autor, assim como outros relacionados com as proporções e escala de pormenores como a dos apoios, que elevados a uma escala de mupie (tamanho original do ficheiro apresentado em cima) são no mínimo megalómanos, assim como problemas amadores tipográficos e de estrutura de composição, já não falando de problemas relacionados com a falta de pureza do logótipo do evento, é em suma um cartaz visceralmente amador, fruto de uma profunda falta de

sensibilidade visual, havendo portanto muito a melhorar no grafismo deste festival. Após negociações extensas com os organizadores, via correio electrónico, acabámos por nos deslocarmos a Valado dos Frades, gratuitamente, cessando um acordo pessoal com o director do evento sobre a nossa participação na sua produção gráfica. Depois de uma pequena conversa não só ficámos a saber que a antiga gráfica era feita pelo próprio director e um músico amigo pessoal do mesmo, que estaria a estudar Design Industrial em Lisboa, como também, que a ilustração polémica do antigo cartaz tinha sido realmente copiada da Internet, afirmação referida oralmente pelo director (o que é mais grave pois mesmo tendo a noção da seriedade da apropriação não pareceu muito incomodado com isso, coisa estranha não fosse ele co-autor dos cartazes também!).

Acabando por cumprir os timings da entrega ficando a saber que o sistema hierárquico da organização do evento se dividia democraticamente por 10 organizadores. Após a entrega da primeira versão, declinada pela maioria, resolveu o autor criar mais 2 versões diferentes para tentar agradar a todos os gostos, perfazendo o total de três versões apresentadas, uma sobre uma base de mudança explosiva, outra subtilmente implosiva e uma terceira situada no meio-termo.

Na primeira solução (declinada pela maior parte da organização), apresentada na página seguinte, a tática foi explosiva, quebrar com barreiras rígidas e estruturais do festival e construir uma composição mais Pop sobre a base do conceito de festival como celebração divertida de algo.

Jazz é diversidade e neste mupie o autor quis celebrá-la criando um conjunto de personagens que são metade homens metade animais, como reunião de todas as espécies à volta da música personificando essa multiplicidade e com algum humor expandir os limites sensoriais do ser humano elevando os músicos a um patamar quase mitológico. Desta forma a manipulação apresentada não só seria um elemento cómico como também serviria para de algum modo gerar alguma tensão graficamente sobre um objecto de compreensão menos directa, pois nem sempre o que é mais directo é mais eficaz, a monotonia visual é geralmente o principal caminho para a indiferença do público.

A composição gira em torno de uma charneira ortogonal que se transforma em “Y” com centro no “12º” que se expande circularmente, sendo hiperbolizada pelas campânulas sonoras que nascem do seu centro; a situação tipográfica surge por baixo da ilustração perspectivando uma espécie de solo, o branco sobre preto surge como meio de traduzir volume e contrastar com o fundo, ainda que de maneira harmoniosa. O castanho em background surge nesta situação fortemente conotado ao elemento terra e como êxtase sensorial, o que acaba por ser vincado pela textura do papel em si. O logótipo já revisto surge do lado esquerdo assumindo um papel importante como ponto de ligação dos antigos cartazes para esta nova versão, não quebrando o tão importante conceito de tradição, mas ao mesmo tempo, libertando o festival da enfadonha estruturação rígida.



07 Maio
22h00 Carlos Martins
"Água" quintet

09 Maio
Dezidério Lázaro
quartet 22h00

14 Maio
22h00 Júlio Resende
quartet

16 Maio
Tributo a Benny Goodman
Paulo Suspeita
and Friends
22h00

08 Maio
Fefer, Barretto, 22h00
Eisenstadt

10 Maio
Mê Quintete 17h00
Disleza Jazz Band

15 Maio
Paulo Gomes quintet
Eric Uloimans 22h00

Festival Valado dos Frades jazz

www.jazzvalado.net

FIG.19
PROPOSTA#1 PARA O 12º FESTIVAL DE JAZZ DE VALADO DOS FRADES



FIG. 20
PROPOSTA#2 PARA O 12º FESTIVAL DE JAZZ DE VALADO DOS FRADES

A segunda versão que resolvemos criar, apresentada na página anterior, foi de alguma forma uma evolução dos grafismos do festival, sendo uma tática bastante mais implosiva, pois estamos cientes que por vezes o ser humano quando acostumado a algo tem medo da mudança, mesmo quando esta é positiva e esse factor poderia ter sido uma das causas do descarte da proposta anterior.

Criou-se um mupi em que o background é composto por uma fotografia em que se vê um fumo colorido, uma estrutura orgânica que deriva de uma fonte e a partir dela ascende em direcção ao céu espalhando-se e difundindo-se. É portanto uma nítida metáfora do Jazz, como estilo do improvisado e de difusão criativa, mundo colorido e escultura viva, puro organismo livre. A solução tipográfica surge em contraste com o orgânico da fotografia, branco contrastando com o negro do background, com as proporções dos patrocínios adequadas assim como com as prioridades tipográficas revistas sem a necessidade de criar um cabeçalho rígido, o logo surge também rectificado e simplificado.

Surge então o terceiro mupi, apresentado na página que se segue. Este vai ao encontro de uma solução tipográfica mais tradicional e também bastante usada no Jazz, a cor de fundo poderosa contrasta com a ilustração e a tipografia simples. Pensamos que esta solução será a mais clara visualmente e ao mesmo tempo a mais poderosa, possivelmente será aquela que se adequa melhor ao estilo, cromaticamente e compositivamente. Inspirámo-nos bastante nos grafismos de Reid Miles da Blue Note para criar a composição que, frequentemente contrastava imagens e ilustrações musicais com situações tipográficas muito simples e de franco impacto. Na paleta da composição surge o amarelo, cor bastante utilizada como observaremos posteriormente, contrastando com o preto, o branco e o vermelho que por sua vez são também cores de uso frequente nas composições do estilo.

A ilustração surge não só como um simples músico mas como a extensão criativa do mesmo, ou seja, a personagem parece expandir-se organicamente como se de líquido se tratasse, à medida que vai tocando, principalmente na região cerebral onde explode criativamente, personificando o constante expandir criativo e espiritual que é o Jazz. Por outro lado a explosão, como se disse, é orgânica, não é calculada, não tem grelha estrutural, o que estará relacionado com o swing, que é um ritmo que assenta na subdivisão ternária do tempo, o que é uma capacidade estritamente humana, pois como sabemos uma unidade não pode ser dividida por três de forma cientificamente correcta por máquinas de calcular, esse ritmo é também o bater do coração, assim sendo é vida.

Já a tipografia, um pouco na herança dos grandes grafismos norte americanos, surge de forma bastante simples sobre um qualquer fundo, tendo uma excelente visualização mesmo quando muito afastado e ao mesmo tempo traduzindo o impacto e o calor através da paleta cromática que apresenta (amarelo, vermelho, branco e preto) abundante nos cartazes de Jazz, como já foi referido.

Após o envio por correio electrónico da primeira versão, o organizador telefonou, dizendo que tinha sido apresentada em reunião interna de organização (reunião especialmente marcada com urgência para analisar a proposta) mas que a vontade em manter a antiga gráfica prevaleceu maioritariamente. Mesmo assim o autor ofereceu-se para



FIG. 21
PROPOSTA#3 PARA O 12º FESTIVAL DE JAZZ DE VALADO DOS FRADES

criar mais duas propostas para agradar a todos. No entanto, os organizadores incumbiram previamente o antigo artista local de fazer um cartaz primogénito do precedente, que acabou por ser apresentado como proposta alternativa aos do autor deste estudo, tendo conquistado a maior parte dos votantes, assim sendo... a velha política gráfica continuou. Posteriormente numa mensagem de correio electrónico, o director principal do evento, devidamente identificado na correspondência trocada, referiu com algum pesar que ele tinha simpatizado com os trabalhos (principalmente o terceiro), mas não conseguiu dobrar os restantes organizadores que, simplesmente não nos conheciam e portanto sentiam-se completamente apáticos em relação ao autor deste estudo e aos seus trabalhos e consequentemente à séria investigação académica que estaria a realizar (contrariamente aos trabalhos do designer do costume do evento, que contava sempre com a co-criação do próprio director e a amizade dos restantes 9 elementos da direcção...) afirmando ainda, que apenas tinha enviado os ditos cartazes aos restantes organizadores por correio electrónico (contradizendo a reunião especial de análise dos trabalhos), o que nos faz levantar algumas dúvidas e mesmo questionar se o material chegou mesmo a ser enviado ou apresentado.

De qualquer maneira, é um facto que se apresentou uma evolução evidente (com três soluções distintas) e que nos foi recusado esse contributo no sentido de dinamizar o evento (mesmo que gratuitamente e com todas as despesas a nosso encargo, incluindo horas de trabalho), supomos por tudo isto, que tal se deve a algum possível jogo de interesse no meio da organização entre outros factores. O conceito erróneo de tradição foi mais uma vez dominante, assim como a falta de flexibilidade e sensibilidade gráfica dos organizadores. Isto aliado a ser o único festival local e não ter concorrência fez com que não fosse necessário um upgrade, ainda que gratuito, feito por profissionais e inserido numa investigação académica.

Após este episódio ficámos na expectativa de ver o cartaz aceite pela maioria dos directores. Esta espera terminou quando desfolhámos a edição nº24 da revista bimestral de Jazz "Jazz.pt" referente a Junho de 2009, o cartaz veio em full page na página nº 99 a preto e branco. Já tínhamos visualizado uma mini miniatura na internet (salvo a redundância, mas era realmente pequeníssima) apresentada na página que se segue. Pelo que é visível, a única alteração face ao do ano anterior foi a vectorização a amarelo, desta vez um trompetista. O cartaz continuou graficamente enfadonho, com a megalómana relação visual entre os patrocínios, com a tipografia de forma pouco clara e com todos os erros de um cartaz perfeitamente amador. Mas insatisfeitos com esta apreciação, queríamos realmente conferir se de facto a tradição gráfica deste festival, mais do que o desengraçado cabeçalho e tudo o resto, era de facto apropriar vectorizações monocromáticas. Bastou uma breve pesquisa para conferirmos que a ilustração utilizada no cartaz de 2009 existia numa hiperligação sem qualquer ligação ao evento, possivelmente pode ter sido apropriada de um site no Brasil e aplicada no Festival Valado dos Frades Jazz de forma invertida, ainda assim, sendo perfeitamente identificável tanto mais não seja pelo pormenor do dedo no trompete. A ilustração do



FIG.22
IMAGEM RETIRADA DA INTERNET CONTENDO A ILUSTRAÇÃO DO TROMPETISTA PRESENTE NO CARTAZ DO 12º FESTIVAL DE JAZZ DE VALADO DOS FRADES

FIG.23, 24
11º E 12º EDIÇÃO DO FESTIVAL DE JAZZ DE VALADO DOS FRADES

11º Festival Jazz Valado dos Frades

Abril-08
Concertos às 22H - Sala da BIR

- 10 - Qui. **Quinteto de Jazz de Lisboa**
Nana Sousa Dias / Zé Carvalho / Pátexa / Emílio Roberto / Paulo Neves
- 11 - Sex. **Miguel Martins "Kaleidoscópio"**
Miguel Martins / Carlos Barretto / José Saquinho
- 12 - Sáb. **Carlos Bica & Convidados**
Mauro Delgado / João Paulo Esteves da Silva / José Saquinho
- 13 - Dom. **Combos de Escolas**
Entrada Livre - 17H
- 17 - Qui. **European Tuba Trio & Big Band da E.S.M.A.E.**
Seppie Carolina / Anthony Galbi / François Thibault
Direcção Paulo Perfeito
- 18 - Sex. **Doris Cales Quartet**
Doris Cales / Nestor Perez / Paulo Charlin / Juana Barosa
- 19 - Sáb. **Triphasic**
Lizbet Fantasy / Guy Wilts / David Gomez

www.jazzvalado.net

12º Festival Jazz Valado dos Frades

Mai-09
Concertos às 22H - Sala da BIR

- 7 - Qui. "Água" - Quinteto de Carlos Martins
- 8 - Sex. Fefer / Barretto / Eisenstadt
- 9 - Sáb. Quarteto de Desidério Lázaro
- 10 - Dom. M8 Quinteto
Dixienaza Jazz Band
Entrada Livre - 17H
- 14 - Qui. Quarteto de Júlio Resende
- 15 - Sex. Quinteto de Paulo Gomes
c/ Eric Vloeimans
- 16 - Sáb. Paulo Gaspar & Friends
"Tributo a Benny Goodman"

www.jazzvalado.net



Brasil tem mais pormenor do que a imagem do cartaz, como se pode ver em cima, não obstante, nota-se pela campândula da trompete que a ilustração de Valado tem imperfeições que o ficheiro original simplesmente não tem. Segue-se o *link* para essa imagem:

<http://www.claudiafarnesi.com.br/wp/wp-content/uploads/2009/03/festival-de-jazz21.jpg>

Cientes de todos estes percalços, com uma vontade nobre em descobrir a verdade e aprofundar os conhecimentos, continuámos a presente investigação, debruçando-nos agora em problemáticas mais específicas, relacionadas directamente com partes gráficas dos cartazes, com o intuito de analisar, comparar e identificar características visuais do estilo na generalidade dos artefactos, que me permitam fazer (ou não) uma possível generalização.



2.3. PROBLEMÁTICA DA PALETA

COLORAÇÃO TRADICIONAL V.S COLORAÇÃO ALTERNATIVA

Se até agora analisamos cartazes de Jazz sobre índices sociais, tentando observar algumas normas de utilização e como o autor se insere dentro da sua produção e divulgação, agora vamos analisá-los sobre índices de coloração.

Será evidente que na sua origem o Jazz estará ligado a África por ser universalmente conotado à raça negra. Como tal, a paleta de cores poderia começar pelas cores tribais que tão frequentemente representam o continente referido, o amarelo, o vermelho, laranja, castanho e o preto. Aliás, segundo uma pesquisa no portal cibernético Wikipédia, as cores pan-africanas serão o vermelho, verde e dourado (usadas pela primeira vez na bandeira da Etiópia). Já a combinação da paleta com preto, vermelho e verde foi adoptada pela UNIA, sendo frequentemente usada em bandeiras do continente referido.

Para nos ajudar a compreender esta questão Scott Yanow, jornalista especializado no estilo, demonstra uma opinião muito específica acerca do que é Jazz, que nos poderá ajudar na busca de indícios que possam ter uma paleta de cores específica.

“What is jazz? Through the decades many writers have attempted to answer this question but have generally fallen short by putting too many restrictions on what is and isn't jazz. Essentially jazz is music that puts an emphasis on improvisation and always has the feeling of the blues. Every other potential quality (swing, high musicianship, even whether the players are in-tune) is optional. What dixieland, bebop, fusion and free jazz have in common are the constant

opportunities for the musicians to constantly be creative and come up with new ideas; this is a major contrast to pop music where the players often try to duplicate a recording for a live audience. The blues feeling separates jazz from other styles (such as bluegrass, New Age and Indian ragas) that also use improvisation but are outside of jazz. Jazz can be a high-powered big band or a solo saxophonist playing long tones, it can be a singer interpreting a ballad, a rockish guitarist "freaking out" or a funky organ group. It can "borrow" its ideas from other types of music but as long as the musicians are trying their best to express themselves and are free to take the music in another direction if inspiration hits them, it is jazz." (<http://www.allmusic.com/cg/amg.dll?p=amg&sql=19:T709, 24/05/09, 14:45>)

É do conhecimento geral que, "O Blues sempre esteve profundamente ligado à cultura afro-americana, especialmente aquela oriunda do Sul dos Estados Unidos (Alabama, Mississippi, Louisiana, Geórgia), dos escravos das plantações de algodão que usavam o canto, posteriormente definido como Blues, para embalar suas intermináveis e sofridas jornadas de trabalho. (...) Porém o conceito de Blues só se tornou conhecido após o término da Guerra Civil quando a sua essência passou a ser como um meio de descrever o estado de espírito da população afro-americana. Era um modo mais pessoal e melancólico de expressar seus sofrimentos, angústias e tristezas." (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blues, 14/07/09, 18:33>.) Mas então qual a cor dos Blues? Será empiricamente o azul?

Pensamos que a letra da canção do famoso cantor de Blues *Jones George*, "Color of the Blues" do álbum "Live Recordings From the Louisiana Hayride" responde a essa questão:

*Up above me are the skies like the twinkle in your eyes
these things are the colors of the blues
on the mail your letter came the ink and paper looked the same
blue must be the color of the blues
blue bird's singin' in the trees seems to sympathize with me
but he's not singing like he used to do
the pearly waters in the sea feel as cold as you left me
blue must be the color of the blues
There's a rainbow overhead with more blue than gold and red
blue must be the color angels choose
blue dress you proudly wore when you left to return no more
blue must be the color of the blues
blue days come and blue days go how I feel nobody knows
life is mighty empty without you
there's a blue note in each song that I sing since you are gone
blue must be the color of the blues"*

(<http://www.cowboylyrics.com/lyrics/jones-george/color-of-the-blues-13095.html, 14/07/09, 18:37>)

Será interessante verificarmos qual o valor que o azul tem na psicologia da cor, e que interessantes sentimentos podem estar associados a essa cor. Vejamos então uma pequena descrição:

“The color of the sky and the ocean, blue is one of the most popular colors. It causes the opposite reaction as red. Peaceful, tranquil blue causes the body to produce calming chemicals, so it is often used in bedrooms. Blue can also be cold and depressing. Fashion consultants recommend wearing blue to job interviews because it symbolizes loyalty. People are more productive in blue rooms. Studies show weightlifters are able to handle heavier weights in blue gyms.”
(<http://www.infoplease.com/spot/colors1.html>, 18:47, 14/07/09)

Será agora evidente o porquê do nome Blues, pois como foi referido anteriormente, este estilo surge como forma de desabafo, de expressão de dor, de tranquilização do espírito, funcionando como a própria cor azul. Até agora temos na nossa possível paleta cromática tradicional do Jazz, temos: o azul, o vermelho, o amarelo, o laranja, o castanho, o verde e o preto. Mas será essa a paleta real dos cartazes de Jazz em Portugal?

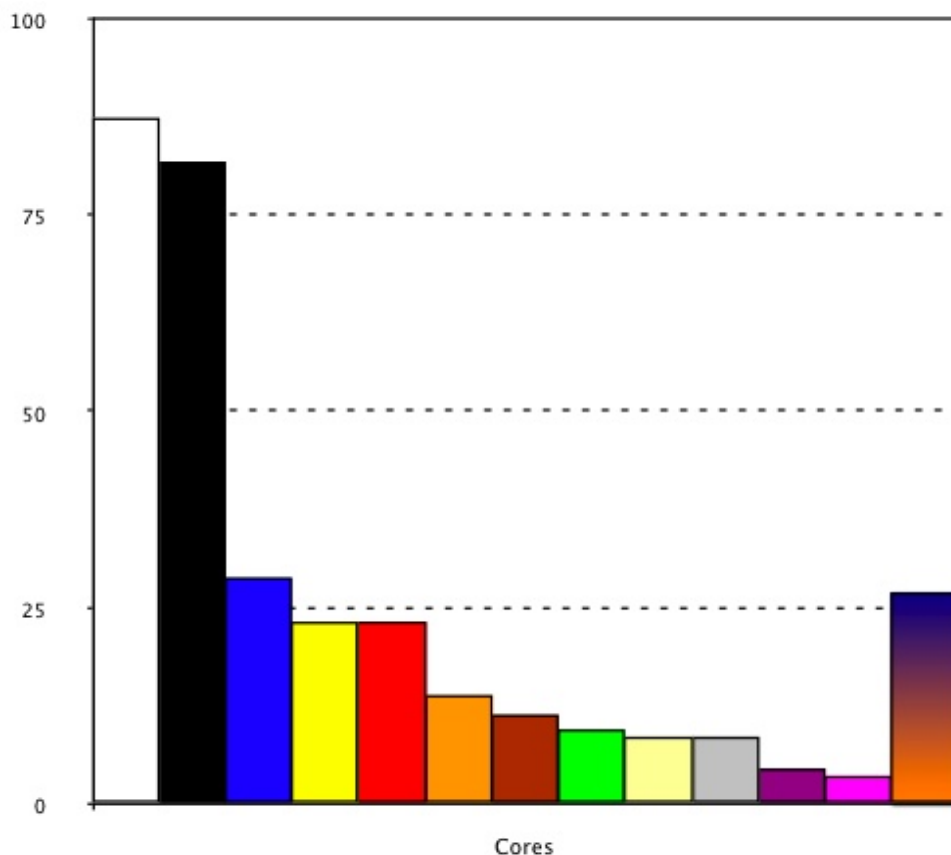
Num universo de 215 cartazes, analisámos repetidamente em quantos deles havia cada uma das cores em baixo discriminadas:

Branco - 87,44% (188 cartazes)
Preto - 81,87% (176 cartazes)
Azul - 28,84% (62 cartazes)
Amarelo - 23,25% (50 cartazes)
Vermelho - 23,25% (50 cartazes)
Laranja - 13,95% (30 cartazes)
Castaño - 11,63% (25 cartazes)
Verde - 9,77% (21 cartazes)
Ocre - 8,84% (19 cartazes)
Cinzento - 8,84% (19 cartazes)
Púrpura - 4,65% (10 cartazes)
Rosa - 3,72% (8 cartazes)
Indefinidos - 26,98% (58 cartazes)



Vejamos então na página que se segue, um pequeno gráfico ilustrativo desta análise, para podermos comprovar visualmente estes resultados.

Os resultados são plenamente visíveis, mostrando que, uma maior incidência pelo branco e o preto, o que poderá estar associado ao simples facto de estas cores serem preferidas apenas por questões de impressão low budget mono cromática ou para criar tensão juntamente com outras. Aliás, o preto e o branco são consideradas cores neutras e surgem frequentemente em impressões RGV ou CMYK dependendo da construção cromática da composição e referentes placas de impressão, para além disto o branco poderá numa impressão significar a ausência de cor, a cor do papel de impressão e nem tanto uma cor própria com valor simbólico próprio. Não obstante, reconhece-se à cor preto uma lógica conotação racial à comunidade negra, que como já foi referido anteriormente, foram os geradores do Jazz e como tal é justo tê-la em consideração,



mais não seja por ser a cor de revolta e oposição ao branco. Apesar de tudo isto, considero importante analisar as cores mais vivas que se seguem na tabela. Aparece-nos então sem grande surpresa a paleta que esperava, o azul, que é de todas as cores (excepto preto e branco) a mais usual, e a explicação poderá vir dos Blues, ou até simplesmente por ser a cor com que a maior parte das pessoas simpatiza. O vermelho e amarelo surgem lado a lado, cores fortíssimas e poderosas que estimulam o metabolismo e aumentam o ritmo cardíaco, seguidos do laranja junção das duas cores precedentes, o castanho elemento terra e o verde, uma das cores oficiais da África.

Na entrevista realizada pelo autor deste estudo ao Professor Mário Santos, sendo para além do universo musical, uma pessoa com cultura e alguma experiência na área das artes visuais, confrontado com uma possível paleta cromática do Jazz, a sua resposta foi a seguinte:

“Se tivermos em conta que o saxofone é o instrumento mais conotado ao estilo, podemos assumir o prateado e o dourado como cores da paleta, pois eram as cores dos acabamentos em prata e ouro respectivamente, em que os instrumentos podiam frequentemente ser encomendados. Depois como é uma música que provém de África, uma música de uma minoria, uma música de intervenção, um grito de protesto, revolta e libertação ao que se passava na altura, escolheria o preto e o vermelho. Se por outro lado, pensarmos que deriva dos Blues,

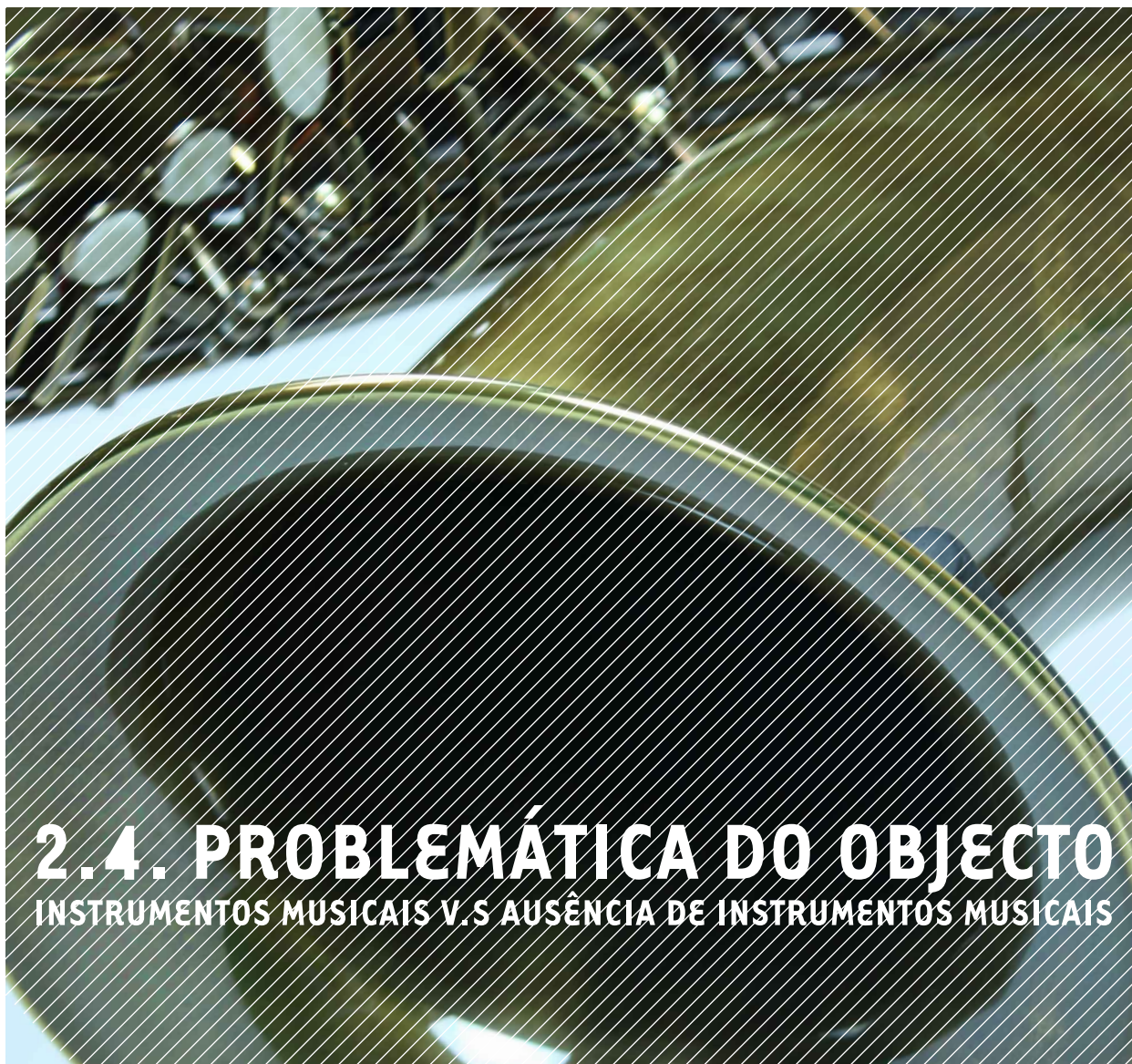
o azul poderá estar relacionado, assim como podemos ter em conta que deriva de África, das plantações e dos cânticos de trabalho dos escravos e nesse sentido a paleta principal das bandeiras africanas são o amarelo, preto, vermelho e verde que não devem ser desaproveitadas. Penso que como continuação deste raciocínio o castanho poderá surgir como ligação ao elemento terra.”

Esta resposta entra um pouco em concordância com o gráfico exibido anteriormente, tornando-se de algum modo num comprovativo da veracidade dos resultados e da adequação da paleta dos cartazes ao estilo, apesar da opinião do Professor Mário Santos ser subjectiva, como é evidente. Achamos também que o conceito do dourado e prateado como extensão dos acabamentos do saxofone é muito bem conseguido, pois são metais e sendo o instrumento mais conotado visualmente com o Jazz o saxofone, é exequível que o amarelo e o cinza advenham dessa relação como simplificação gráfica/cromática do dourado e prateado.

Concluimos esta problemática com uma resposta evidente:

O Jazz em Portugal tem uma paleta específica constituída maioritariamente pelo: Preto (por oposição ao branco), azul, vermelho e amarelo. Como cores menos dominantes, ainda assim, relacionadas surge o cor-de-laranja, castanho e o verde.

Analisando cromaticamente os artefactos digitais recolhidos, seria interessante identificar se o estilo musical analisado tem uma figura ilustrativa específica. Vimos qual a cor mais frequente mas qual será o instrumento musical mais representado no estilo? Vejamos então a seguinte problemática.



2.4. PROBLEMÁTICA DO OBJECTO

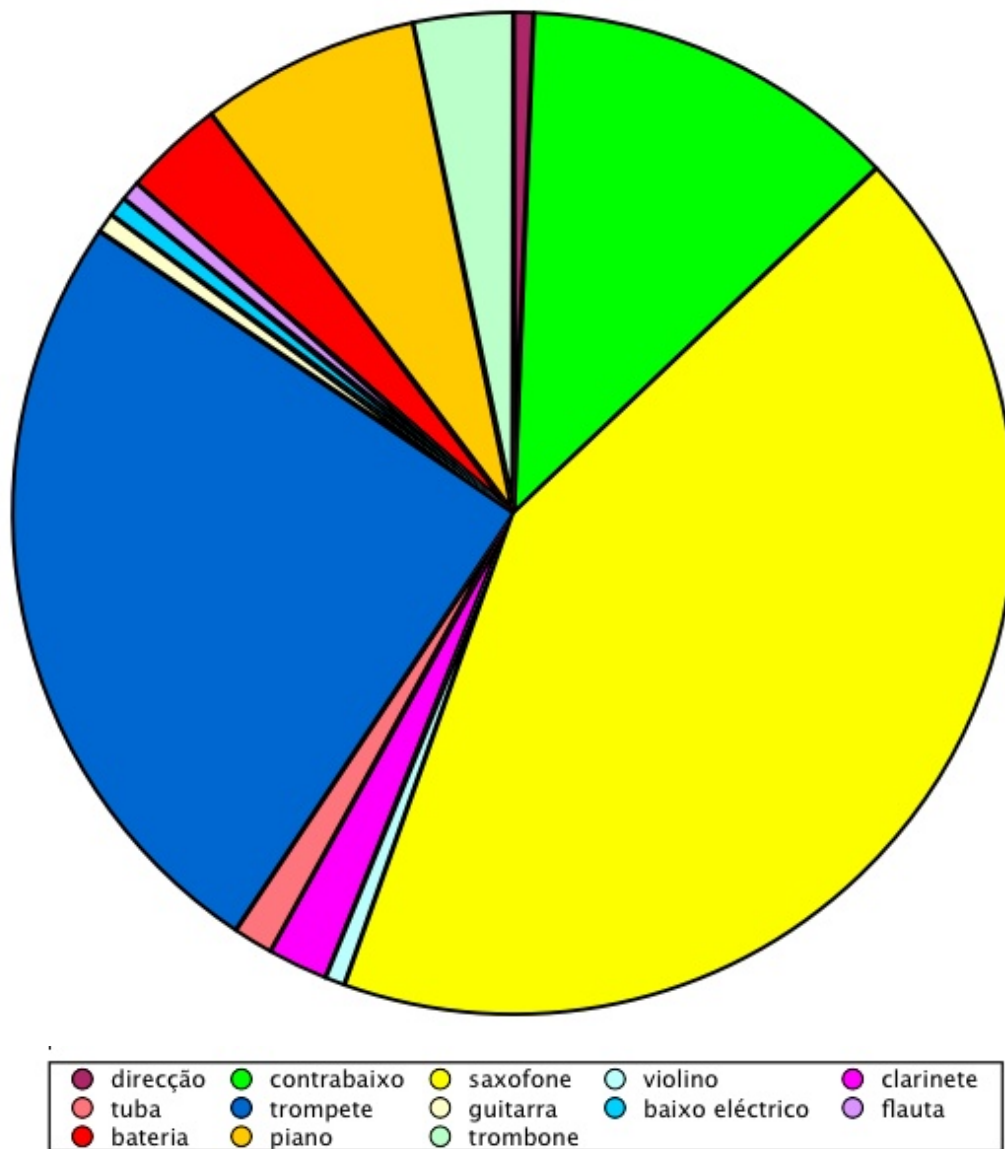
INSTRUMENTOS MUSICAIS V.S AUSÊNCIA DE INSTRUMENTOS MUSICAIS

Se por um lado, averiguamos que o conceito de tradição é de facto importante para o reconhecimento geracional do festival, ainda que preferencialmente de modo livre, e por outro lado que a individualidade do autor e da situação geográfica deve ser aproveitada para fazer algo único, acabamos muitas vezes por contrastar tudo isto com um ponto de ligação figurativo que serve de identificação visual com o género musical, o uso de instrumentos musicais na composição.

No senso comum e memória gráfica, parece-nos frequente o uso de instrumentos musicais para representar o Jazz, no entanto, será interessante verificarmos até que ponto isso será usual no cartaz de Jazz em Portugal ou até mais profundamente quais os instrumentos nele mais representados, tudo isto estatisticamente de forma a obter resultados cientificamente válidos.

Num universo de 215 cartazes observados reparámos que 75,10% (178 cartazes) possuíam um ou mais instrumentos identificáveis discriminados na composição, ou seja, apenas 24,90% (59 cartazes) possuíam instrumentos não identificáveis ou a sua completa ausência.

Como é perfeitamente visível, a percentagem do número dos instrumentos é esmagadora e comprovativa que, por norma, é usual representar um instrumento como meio de



aproximação visual ao público em festivais de Jazz em Portugal.

Será então importante percebermos nesse universo de 75,10% (178 cartazes) quais os instrumentos mais usados, por ordem de importância descendente, são eles: Saxofone, 37,08%(66 cartazes); trompete, 21,91%(39 cartazes); Contrabaixo 10,67%(19 cartazes), piano, 6,18%(11 cartazes)voz, 3,93%(7 cartazes); trombone, 2,81% (5 cartazes); bateria, 2,81%(5 cartazes); clarinete, 1,68%(3 cartazes); tuba, 1,12%(2 cartazes); violino, flauta, guitarra, baixo eléctrico e regência com 0,56% cada(1 cartaz). Aparecem--nos também 16 cartazes com demasiados instrumentos para discriminar, 8,99% dos cartazes mais precisamente, o que faz com que o saxofone seja, de longe, o instrumento mais popularizado com o Jazz, seguido do trompete, contrabaixo e piano. Vejamos em cima um pequeno gráfico que espelha os dados estatísticos analisados.

Seria então interessante comparar os resultados com alguns inquéritos internacionais online, como por exemplo:

<http://www.misterpoll.com/polls/193631/results>

Neste inquérito o cibernauta é consultado acerca da sua opinião sobre a identidade do maior músico de Jazz de sempre. Hoje, dia 30 de Junho, às 18:37 o grande vencedor é Luis Armstrong com 23% dos votos seguido de Miles Davis com 18%, ambos trompetistas.

Só depois dessas figuras é que nos aparece um saxofonista, Jonh Coltrane com 12% seguido de Charlie Parker com 6%. Seguidamente surge o pianista Thelonious Monk apenas com 5% votos, igualando outro famoso saxofonista Sonny Rollins. Através deste inquérito conseguimos ver que os instrumentistas mais apreciados são em primeiro lugar trompetistas, depois saxofonistas, e só depois pianistas.

<http://pbskids.org/jazz/nowthen/index.html>

Neste site a tabela mantém-se com os dois primeiros lugares pertencentes a dois trompetistas, o terceiro e o quinto lugar é para um saxofonista, o quarto para uma cantora, o sexto para um pianista/maestro e por último o sétimo para um clarinetista/maestro.

<http://100greatestjazzalbums.blogspot.com>

Nesta hiperligação, um Blogspot, temos a oportunidade de ver discriminados os melhores álbuns de Jazz instrumental do momento baseados nas vendas do portal comercial cibernético "Amazon", onde a informação e o top 100 de vendas é actualizado de hora a hora.

Dia 30 de Junho, às 22:37 O primeiro lugar pertencia a um pianista, o segundo a um saxofonista e o terceiro a um trompetista. Hoje dia 14 de Julho às 16:29 o pódio pertence a Miles Davis (trompetista, 1º lugar, álbum "*Complete Bitches Brew Sessions*"); Pat Matheny (guitarrista, 2º lugar, álbum "*Bright Size Life*") e o terceiro lugar a Jonh Coltrane (álbum "*Blue Train*").

O universo de estudo deste blog é algo mutável, da mesma maneira que as motivações comerciais do público-alvo o são, no entanto, é um facto que nos três primeiros lugares mantiveram-se um saxofonista e um trompetista.

<http://www.amazon.com/gp/bestsellers/music>

É obvio que se pesquisarmos nos bestsellers da "Amazon" e clicarmos em Jazz, facilmente encontraremos a voz no primeiro lugar, isto porque é facilmente mais apreciável do que qualquer outro instrumento por ser mais decifrável e identificativo com a natureza humana, pois "*Boxing is like jazz, the better it is, the less people appreciate it*" (<http://www.allaboutjazz.com/php/jazzquotes.php>, 24/05/09, 15:13) já referia George Foreman. Os cantores regra geral procuram imitar sons de instrumentos, ao passo que os instrumentos procuram imitar a voz humana, e dentro desse campo possivelmente os instrumentos de sopro vencem por se assemelharem mais à voz humana, por funcionarem com ar e respiração, e por serem passíveis a uma gama de dicção francamente superior aos instrumentos de percussão ou cordas, daí a popularização principalmente do saxofone e do trompete.

A verdade é que esta problemática é demasiado complexa para chegar a um consenso através de hiperligações e (ou) inquéritos. Provavelmente em dezenas de sites encontraríamos dezenas de opiniões, isto porque “opiniões são como embocaduras”... Todo o músico tem a sua, como afirma Ed Zantera (<http://ezmpc.com>, 28/07/09, 20:30). No entanto, se as opiniões são pessoais, os números são factuais e possuem valor científico, assim sendo, abdicando de opinião pessoal, será conclusivo que por vantagem evidente o saxofone é o instrumento mais utilizado no cartaz do festival de Jazz em Portugal, seguido do trompete e contrabaixo. O que me faz concluir que o saxofone é também no público português o instrumento mais conhecido e conotado com o estilo, mais não seja por ser o mais referenciado nos cartazes.

Vejamos o que o Professor Mário Santos, reconhecido saxofonista nacional, que o autor teve o prazer de entrevistar, refere em relação ao instrumento que mais está associado ao Jazz em Portugal:

“Por excelência aquele instrumento, que quando apareceu, foi uma coisa do fim do mundo, foi o saxofone. É um instrumento recente que brota na Bélgica durante o período histórico em que o Jazz nasce nos EUA, o instrumento viajou e começou a ser muito utilizado pelos jazzistas e referentemente conotado a esse estilo musical ao contrário da música clássica, que nessa altura não explorou muito o recente instrumento, talvez por ter um timbre diferente. Para além disso, é um instrumento lindíssimo, charmoso, muito mais bonito que uma bateria apesar de haver baterias lindas, uma obra de arte de Adophe Sax, com um timbre que se assemelha a uma voz rouca, nesse sentido não nos podemos esquecer que o Jazz começou por ser cantado, e como o saxofone é o instrumento mais próximo da voz humana foi explorado pelo pessoal do Jazz e por músicos que na altura tocavam clarinete e passaram a tocar o saxofone.”

Pensamos que esta resposta de alguma maneira justifica o primeiro lugar do saxofone.

Agora, para além desta análise a grande questão que aqui se pode levantar é: Deve o Cartaz do Festival Internacional de Jazz em Portugal apresentar instrumentos na composição?

Creemos que não será obrigatório o uso de instrumentos no cartaz. Como tem sido estudado, não devem existir regras standardizadas na sua produção pois existem bons exemplos que abdicam do instrumento e mesmo assim são bastante eficazes como o 7º Funchal Jazz, Braga Jazz 2008, Guimarães Jazz 2006, como podemos observar nas figuras ao lado. Os grafismos evoluem da mesma maneira que o Jazz evolui, o género musical, hoje, é aberto a uma infinidade de instrumentos, ritmos e estilos que não podem nem devem ser vistos de maneira conservadora nem generalista, pois como afirma Cecil Taylor “*Improvisation is the ability to talk to oneself*”. (<http://www.kentjennings.com/indexf.php?pagename=bio-contact>, /03/09, 00:24)



Cada caso é um caso e deve ser analisado especificamente. O Jazz sofreu nítidas alterações criativas que se traduziram em divergências intra-estilo, numa linha direccional contemporânea manifestando-se uma crescente liberdade e vontade de quebrar com todas as regras até ali estipuladas como o Free Jazz, ou então de regressar ao passado e valorizar a tradição, como o Jazz Neo-Clássico, assim sendo, existe uma gama de soluções bastante vasta e com uma margem de sucesso bastante alargada. Pensamos que no cartaz de Jazz, nos dias que correm, não é obrigado a representar figurativamente um instrumento, pois as pessoas já estão familiarizadas com o estilo, logo não carecem de coadjuvações visuais, será mais importante do que o próprio instrumento caracterizar o estilo através de aproximações filosóficas à sua génese, ou seja através do seu conceito. É possível para um designer criar um cartaz baseando a composição central num saxofone, adequando-o à música do mundo, música clássica, Jazz, ou qualquer outro estilo, criando sempre soluções distintas, tão divergentes como os próprios universos musicais que abordam. No Jazz, interessará muito mais a linguagem com que a composição é abordada do que a relação entre ela e o instrumento, que deverá obedecer sempre aos ideais filosóficos do estilo, logo o uso de um objecto musical com valor em si mesmo é claramente insuficiente. Não obstante, o uso de um instrumento musical, no caso dos mais conotados: o saxofone principalmente, não descartando a trompete, o piano, o contrabaixo ou até mesmo a bateria poderão ser coadjuvações visuais positivas no sentido de ser um pilar identificativo, de aproximação visual ao estilo musical estudado.

Com estes e outros aspectos concluídos, estaria então na altura de identificar características tipográficas comuns, que me permitam identificar qual o género tipográfico mais usual nos cartazes de festivais de Jazz em Portugal, tal será analisado na problemática que se segue.



2.5. PROBLEMÁTICA TIPOGRÁFICA

TIPOGRAFIA TRADICIONAL V.S TIPOGRAFIA ALTERNATIVA

“ (...) Duas componentes básicas de qualquer cartaz são o texto e a imagem (...) A imagética atribui o contexto e o significado, tanto a nível intelectual como emocional. À semelhança da imagem, também o texto é um elemento gráfico, e em muitos casos pode mesmo tornar-se a própria imagem. (...) Para o designer de cartazes, o texto não é apenas informação que deve ser apresentada de forma neutra; é uma forma visual gráfica através da qual se exprimem significados – uma oportunidade que permite escolher como dizer e o que se diz. Existem milhares de tipos de letra, mais do que qualquer leigo possa imaginar, cada uma com o seu carácter e estilo, e cada uma capaz de fornecer uma nuance distinta à palavra escrita. Por vezes, da enorme quantidade de tipos existentes, os designers seleccionam cuidadosamente uma; outras vezes criam a sua própria letra para um trabalho específico. Em todo o caso, desenhados à mão ou produzidos mecanicamente, os tipos de letra estão para a percepção visual como os dialectos e sotaque estão para a linguagem oral, e tornam-se a voz através da qual a mensagem é transmitida. Alterar a letra ou tipografia altera a forma do discurso e a maneira como a mensagem é percebida.” (Andrew Howard *in* “175x120. Uma exposição de cartazes de rua” by Silo, espaço cultural/NorteShopping, 2006, p. 9, 10)

Esta última frase demonstra de forma bastante eficaz o impacto que o tipo de letra pode ter na produção de um cartaz e fundamentalmente na transmissão de uma mensagem ao receptor. É do conhecimento geral empírico, tanto não seja pelas frequentes SMS e pelos programas live chat como o MSN, entre muitos mais exemplos,

que só através de tipografia no sentido mais básico, é possível exprimirmos discursos de intensidade diversa: s... u... r... s... u... r... r... a... r..., falar... GRITAR! GOOELAAR!!! Utilizando apenas espaçamento e caixa de texto. Agora através de todo o controle tipográfico o designer deverá conseguir exprimir conceitos tão complexos como o próprio Jazz. A tipografia canta, toca, respira e vive, e pode ter tanto poder como a imagem, tornando--se em alguns casos “a própria imagem” como afirma Andrew Howard.

Mas então, qual a tipografia do Jazz? Será necessária uma pesquisa de capas dos grandes clássicos norte americanos para então partirmos de um pressuposto gráfico. O grande problema aqui é saber por onde partir, pois são imensas as editoras que podemos analisar. Nesse sentido uma resposta de Fred Cohen (possuidor de um variadíssimo espólio discográfico jazzístico) a uma entrevista, ajudou um pouco:

“Which label is in demand the most?

- In the past fifteen years, and maybe even longer, Blue Note has always been the labor to collect.” (entrevista a Fred Cohen in *“Jazz Covers”* by Taschen, 2008, p.9)

Se analisarmos algumas dezenas de capas de CD’s datados de 1950/60 a *gonden age* do Jazz depressa se chegará à conclusão que a Blue Note está para o Jazz da mesma forma que a *Deutsche Grammophone* está para a música clássica. Ou seja, a Blue Note é sem dúvida um dos estereótipos gráficos/tipográficos do Jazz por excelência. São diversas e sublimes as obras de Reid Miles durante o período áureo da máquina comercial do Jazz nos EUA, as soluções gráficas são únicas e de uma franqueza visual claramente poderosa. Assumindo este encadeamento tipos de letras como: **Franklin Gothic, Clarendon, News Gothic, Frutiger, Akzidens Condensed, Helvetica, Kozuka, Rockwell ExtraBold, American Typewriter Bold, Clarendon Black BT, etc...** Letras populares, com e sem serifa, presentes não só nas obras da Blue Note, mas também utilizadas por outras editoras como a ECM, Riverside, Capitol, Prestige Records, entre outras, serão portanto soluções tipográficas clássicas no Jazz, ironizando por metáfora gráfica, são as *typo* tradicionais do Jazz, o *lettering* standard da era bebopiana.

Mas então estará o *lettering* do cartaz de Jazz em Portugal adequado a esta análise, ou serão mais comuns soluções tipográficas mais alternativas.

Agora que contemplámos o standard tipográfico do Jazz nos EUA, correspondente ao período áureo do mercado jazzístico no América do Norte, sabemos qual a tipografia tradicional deste estilo musical, seria interessante contemplarmos qual o discurso tipográfico no Jazz mais utilizado em Portugal, assim como, as soluções mais frequentes para a transmissão visual dos ideais filosóficos do estilo. Irão elas ao encontro de soluções como a BlueNote, ou outros clássicos, ou divergirão dessas linhas gráfica? Iremos analisar tudo isso seguidamente.

CLARENDON BLACK BT
A B C D E
FESTIVAL DE JAZZ

ROCKWELL EXTRA BOLD
A B C D E
FESTIVAL DE JAZZ

NEWS GOTHIC BOLD
A B C D E
FESTIVAL DE JAZZ

Num universo de estudo de **239 cartazes** Cartazes de Festivais de Jazz em Portugal, analisámos propriedades comuns tipográficas como: **tipo de caixa, serifa, inclinação, corpo e género.**

Na primeira análise tipográfica, referente ao tipo de caixa (caixa alta, caixa baixa, e mista), conclui-se que por norma o **tipo de caixa dominante na composição é a caixa alta, com maioria absoluta, 58,6%(140 cartazes)**. A caixa mista segue-se com 33,9% (81 cartazes), já a caixa baixa é muito pouco utilizada e apenas teve uma percentagem de 7,5% (18 cartazes). É evidente que a caixa alta quando lida em texto corrido é pouco eficaz, tem uma leitura lenta e com falta de ritmo, ou seja, é monótona, no entanto, para títulos é altamente eficaz, pois tem um impacto visual francamente superior

a uma caixa baixa, ou mesmo à junção das duas. A Bluenote usava esta solução com frequência contrastando géneros tipográficos clássicos com backgrounds fotográficos, Reid Miles era especialista nesta técnica e com o seu talento criou uma das fases gráficas mais interessante da história da Bluenote.

Seguidamente debruçámo-nos sobre a serifa do tipo de letra dominante do cartaz, e nesse sentido foi verificado que, **77,4% (185 cartazes) do género tipográfico predominante não possuía serifa**, apenas em 22,6% dos casos foram verificadas fontes serifadas (54 cartazes), o que acaba por corresponder à maioria das obras gráficas “clássicas” do Jazz, que obedeciam a typos simples de franco impacto sem serifa, como a Franklin Gothic, News Gothic, Akzidens Condensed. No entanto, existe ainda assim, um número significativo de typos serifadas possivelmente justificadas por haver obras gráficas relevantes do jazz norte-americano com typos como a Clarendon, entre outras.

Perfilhando esta análise, seria interessante verificar até que ponto a inclinação da tipografia e sua organização vertical poderia estar relacionada com alguma sensação visual, como velocidade, a imprevisibilidade ou qualquer outra interpretação conceptual. Estatisticamente apurou-se que **por larga maioria as soluções tipográficas não são itálicas, 65,3% (156 cartazes) dos casos analisados são regulares, 14,2% (34 cartazes) pertence a soluções itálicas e por fim, 20,5% (49 cartazes) dos casos pertenciam a soluções de disposição irregulares não sendo caracterizadas em nenhum dos casos anteriores.** É evidente que as soluções tipográficas de maior impacto são regulares, são mais facilmente legíveis e identificáveis, traduzindo sensações de maior segurança e ortogonalidade. Possivelmente tudo leva a crer que estas sensações estejam, ligadas a uma necessidade de exprimir com algum impacto e seriedade não só um qualquer evento, mas uma música de uma minoria, uma música de dinamização cultural. O itálico pode ser entendido como uma fuga a estes preceitos e desta feita, ser entendido como algo fugaz, efémero, uma situação passageira, isso poderá ser negativo para um género musical que tenta aos poucos impor-se no panorama cultural musical selvaticamente dominado por outros géneros bastante mais comerciais.

Analisamos então a disposição e inclinação vertical, mas como seria a grossura de corpo da tipografia? Como sabemos o corpo influencia directamente a visibilidade e a transmissão da mensagem, ou seja, uma tipografia light tem um impacto francamente mais modesto que uma tipografia a bold, logo um corpo light poderá ser entendida de duas maneiras, como algo menos agressivo e de sensibilidade visual mais subtil, ou como uma solução sem grande impacto e sem poder visual, tudo depende do ponto de vista de quem analisa, e sob o fim gráfico do objecto de estudo que está a ser analisado. No que diz respeito a dados estatísticos sem grandes surpresas, **o corpo Bold é o mais utilizado nas situações tipográficas dominantes nos cartazes de Jazz analisados, com 79,5% (190 cartazes)**, o corpo médio apenas surgiu em 17,2% dos casos (41 cartazes),

e o corpo light surge timidamente em 3,3% dos casos (8 cartazes). É evidente que por ordem de crescimento, as soluções mais usuais são as de corpo mais forte. Isto reflectirá que, procuram-se soluções mais fortes, de imposição visual, e tal facto deve-se em parte à própria natureza do cartaz de rua, muitas vezes exposto nas paredes selváticas das cidades, em que cor e soluções de impacto lutam pela atenção do público-alvo, ganhando o que mais rapidamente transmite a mensagem, mas possivelmente também, ao próprio cariz de imposição do Jazz no panorama cultural vigente como anteriormente foi dito, assim como, à aproximação aos grafismos clássicos do Jazz norte-americano que contrastava soluções tipográficas de impacto relevante, regra geral a bold com imagens fotográficas simples como a Bluenote.

Agora que identificámos características tipográficas comuns, seria relevante identificar o género tipográfico mais usual, e nesse sentido **resolvemos dividir a esta análise em 7 tipos: pop/script, tradicional com serifa, tradicional sem serifa, rasuradas, hight tech, comics e por último, as fontes diversas.** Nesta divisão as tipografias tradicionais sem serifa ganham com 41% (98 cartazes) provando mais uma vez regularidade da falta de serifa, mas também comprovando que ainda existem conotações visuais com as obras gráficas clássicas do Jazz norte-americano. **Seguidamente, surgem as tipografias tradicionais com serifa correspondendo a 20,1% (46 cartazes), o que perfaz com a soma das duas, 61,1% (144 cartazes) para tipografias tradicionais, sendo então maioria absoluta.** Cursando esta análise surgem seguidamente as soluções tipográficas comics com 12,5% (30 cartazes), as script/pop com 11,7% (28 cartazes), as rasuradas com 6,3% (15 cartazes), as diversas com 5,9% (14 cartazes) e por último as hight tech com apenas 2,5% (6 cartazes).

Esta última análise é importante, pois ajuda-nos a perceber, que por vezes soluções visuais agradáveis podem estar completamente desfasadas do estilo, por terem entre outros factores tipografias desajustadas, por exemplo, será mais do que óbvio que tendo em conta todos os preceitos e ideais do Jazz analisados até aqui, uma *typo hight tech* regra geral estará à partida desajustada.

Por tudo isto concluimos que, por norma, as soluções tipográficas dominantes na composição dos cartazes de festivais de Jazz em Portugal são constituídas pelos seguintes factores: Tipografias tradicionais ou seus derivados, sem serifa, sem inclinação (ou seja não itálicas), em caixa alta e em corpo Bold.

CAPÍTULO 3

CONCLUSÃO



3.0. CONCLUSÃO

Todo este presente estudo permitiu-nos ter uma ideia objectiva não só dos grafismos dos cartazes de festivais de Jazz em Portugal, mas também, de alguns paradigmas gráficos ligados à sua aceitação visual, tanto por parte do público, como da própria organização dos eventos.

A nossa conclusão é que, em diversos casos, a organização dos eventos tenta forçar no público uma imagem agressiva de tradição ao espectador ao longo das suas edições através da sistematização de grelhas estruturais de organização rígida do cartaz do festival, sendo frequente recorrer a estratégias que negam os próprios preceitos do Jazz, fugindo aos seus ideais como a liberdade, a improvisação, a linguagem pessoal. Essa ideia de tradição é de tal modo tão forte que muitas vezes nega o papel do próprio design, estandardizando os grafismos do evento durante décadas, não permitindo grandes alterações estéticas, compositivas ou conceptuais. Tal facto poderá possivelmente justificar-se, até certo ponto, por o estilo musical ser apreciado por uma minoria, consequentemente, havendo pouca quantidade de eventos na zona, os amantes do estilo musical acabam por comparecer independentemente da qualidade dos grafismos. Noutro ponto de vista, tal pode dever-se a existirem festivais que sustentam um nome pesado e uma herança cultural tão forte, que acabam de alguma maneira por sentirem-se superiores, e autopromovidos, acomodando-se, atribuindo ao grafismo um papel inferior, rejeitando as vantagens de um design mais elaborado e rejeitando também o papel criativo do designer. Será evidente que se todos assim fizessem, o design de pouco

serviria e voltaríamos certamente ao passado, aos tempos de monotonia visual.

Retrocedendo várias décadas, para averiguarmos como esta atitude é Jurássica, relembramos que por volta da década de 50, 60 explodia o mercado do Jazz norte-americano e assim sendo já nessa altura existiam grafismos fantásticos, obras intemporais, que serviriam de exemplo para grafismos futuros pela sua seriedade e originalidade. Quando colocamos lado a lado grafismos dessa época e cartazes de Festivais de Jazz em Portugal correntes, como o do Estoril Jazz e mais alguns, não será preciso ser nenhum especialista para entender que alguns cartazes parecem muito mais antigos que os grafismos das editoras norte-americanas, o que é estranho, pois datam 40, 50 anos de diferença. Se por um lado, pode ser afirmado que nessa altura havia cuidados de execução gráfica mais elaborados, devido à grande quantidade do mercado nesse campo, por outro lado, os designers eram menos, assim como as tecnologias para trabalhar na área gráfica, hoje, com todos os meios de informação e trabalho ao alcance do comum cidadão e com tantos designers formados em Portugal, deveria ser melhor, em número e qualidade, mas não é como observamos. O que nos leva a pensar que possivelmente existem alguns problemas mais profundos. Estará o design gráfico desses eventos a cargo de pessoas não formadas na área? Tal é possível, como conclui não só no meu trabalho prático através do contacto com directores e co-autores dos trabalhos, mas também pelo simples facto de por vezes, nos festivais de menos impacto, os próprios organizadores desconhecerem a identidade dos criadores gráficos (pois muitas vezes pedia que juntamente com os cartazes a organização me enviasse a informação dos criadores gráficos, mas era raro o esclarecimento, muitas vezes respondiam apenas que tinha sido a câmara...) devido possivelmente ao facto da autoria estar ligada a apoios das autarquias locais, que frequentemente se encarregavam os próprios ou alguém da sua confiança para efectuar o trabalho, que muitas, das vezes, são obras desprovidas de sensibilidade visual e adequação gráfica ao estilo.

Permanecer neste universo arcaico, assumindo esta atitude de imobilização gráfica, é partir do pressuposto de que o público desses eventos congelou no tempo, é assumir que as suas necessidades e a sua cultura visual permaneceram inalteradas ao longo da história. Adotar isto, é um erro evidente pois leva a falsas premissas, o público a toda a hora consome mais imagens, a sua cultura visual engrandece a cada dia que passa, sendo esse público hoje, incomparavelmente mais exigente visualmente do que o público de umas décadas atrás, e certamente daqui a algumas décadas o mesmo poderá ser dito sobre os tempos que correm. Falando em Jazz, lembro uma citação do Professor Mário Santos, "(...) o Jazz não morreu, não tem um princípio, meio e fim, apenas um princípio (...)", penso que é errado ter uma imagem fixa, acabada, como se não precisasse de mais alterações para um festival durante um certo período de tempo, nesse sentido as organizações dos festivais, deverão estar sensibilizadas para as vantagens que um bom grafismo, com originalidade, pode trazer. Existem festivais em Portugal que marcam essa tradição com cartazes e grafismos sempre novos, podemos dar o exemplo do Guimarães Jazz como um exemplo a seguir, pois é hoje um festival exemplar em tudo, e cresceu com o conceito de inovar e refrescar o Jazz. Com essa fasquia levantada, penso que outros festivais estando em défice no aspecto gráfico, devem trabalhar para a igualar e até superar. Penso que por outro lado será necessário sensibilizar as organizações e autarquias locais para alguma falta de qualidade de

algumas produções e para alguma falta de sensibilidade para todos estes problemas, pois sendo estas instituições, autarquias, teatros ou qualquer meio organizador, lugares de nível cultural de referência, devem ter uma imagem a condizer, não se devem acomodar na mediocridade gráfica.

Era interessante no aprofundamento desta temática ouvir também a opinião de outros profissionais, especificamente a dos sociólogos, para compreendermos melhor esta noção de tradição rígida e alguns dos paradigmas sociais apresentados até agora. Por questões de imposição de timing nesta dissertação tal não pôde ser feito como desejaríamos, no entanto, pensamos ser pertinente realizar esta entrevista, assim como, outras interessantes, como à direcção do Estoril Jazz, a Projazz (que tentámos contactar diversas vezes, mas sem qualquer resposta); ou à direcção do Guimarães Jazz, o que nos ajudaria a compreender melhor, o porquê do não investimento, ou investimento (respectivamente) na área do design ao longo dos tempos, e mais do que isso, verificar o que uma pensa da outra, pois apesar de terem ambas orçamentos pesados, são opostos neste sentido. Numa investigação muito mais alargada seria curioso identificar se este tipo de problemas sucedem em mais eventos datados cronologicamente com frequência, como outro tipo de festivais, convenções, galas, etc. Seria proveitoso identificar se este problema é geral, se é uma convenção gráfico-social presente na sociedade ligada a estratégias de branding ou se este fenómeno só existe nos festivais de Jazz. Neste percurso de herança para o futuro, seria agradável, observar daqui a uma certa faixa cronológica como a evolução gráfica dos festivais de Jazz evoluiu, e compará-la com este estudo, observando se as características se mantêm iguais ou se existirão mutações.

Com algumas questões terminadas (e outras lançadas), iremos agora, com recurso aos dados estatístico que temos vindo a realizar nas problemáticas anteriores, discriminar qual a norma do cartaz de Jazz em Portugal.

Nessa direcção, concluímos que, a nível de características visuais identificativas do estilo, o cartaz do Festival de Jazz em Portugal, por preponderância, possui uma paleta cromática onde as cores mais dominantes nas composições são, o azul, o amarelo e vermelho mais cores neutras (branco e preto), estas cinco cores por norma não são aplicadas todas juntas, mas surgem com frequência na paleta; regra geral o cartaz, possui um instrumento musical como motivo ilustrativo de aproximação visual ao estilo para facilitar a sua conotação visual junto ao público, instrumento esse que, por maioria é um saxofone, no entanto é também frequente o uso do trompete ou do contrabaixo; as soluções tipográficas dominantes na composição desses cartazes são: tipografias tradicionais ou seus derivados, sem serifa, sem inclinação (ou seja não itálicas), em caixa alta e em corpo Bold. Nas suas diferentes edições existe uma certa tendência para standardizar o cartaz para alcançar uma errónea sensação de tradição já referida anteriormente, estando a localização geográfica (o elemento de distinção principal dos festivais) raramente discriminada na composição de forma ilustrativa ou fotograficamente. Tudo isto leva-nos a concluir que é frequente a procura de uma solução de nítido impacto visual, com um jogo de cores contrastantes, mas altamente característico (azul, amarelo, vermelho preto e branco), e tipografias simples cheias, soluções de imposição visual grande, que na sua génese ajudam este estilo musical apreciado ainda por uma minoria, ainda que cada vez maior, a afirmar-se visualmente no público-alvo, para posteriormente despertar a curiosidade para ser ouvida.

4.1 BIBLIOGRAFIA

- ADES, Down, *"Posters: The 20th Century Poster: Design of the Avant Gard"*, Abbeville Press, New York, 1990
- ALBERS, Josef, *"Interaction of Colour"*, Yale University Press, Nova Haven, 2006
- ARFUCH, Leonor, Norberto Chaves e María Ledesma, *"Diseño y Comunicación, Teorías e Enfoques Críticos"* Paidós, 1997
- BARNICOAT, John, *"Posters a Concise History"*, Thames & Hudson, Londres, 1997
- BOFFI, Guido, *"Os Caminhos do Jazz"*, Edições 70, Lisboa, 2001
- BRINGHURST, Robert, *"The Elements of Typographic Style"*, Hartley & Marks, 1997
- CARVALHO, Mário Vieira de, *"Rosas e Brito Vol. II, Música Erudita"*, Lisboa, 1996
- DUARTE, José, *"Cinco minutos de Jazz"*, Oficina do Livro, Lisboa, 2000
- DUARTE, José, *"João na Terra do Jazz"*, A Regra do Jogo, Lisboa, 2006
- EVANS, Mike, *"A century of Jazz"*, Hamlyn, London, 2006
- GODBOLT, Jim, *"The World of Jazz"*, Studio Editions, Londres, 1995
- GREEN, Oliver, *"Underground Art: London Transport Posters, 1908 to the Present"*, Larance King, London, 2001
- HEALEY, Matthey, *O que é o Branding?* Edições Gustavo Gil, Londres, 2007
- HELLER, Steven, *"Design Literacy"*, Allworth Press, New York, 1998
- HOWARD, Andrew, *"175x120. Uma exposição de cartazes de rua"*, Silo espaço cultural/NorteShopping, Porto, 2006
- LISKA, Steven, *"Business Graphics, 500 Designs That Link Graphic Aesthetics And Business Savvy"* Rockport Publishers, Londres, 2009
- MOLLERUP, Per, *"Marks of Excellence the History and Taxonomy of Trademarks"*, Phaidon, Lodon, 1996
- MARTINS, Hélder, *"Jazz em Portugal (1920-1956)"*, Almedina Editores, Coimbra, 2006

- MOUSNER, Jim, "*Color Harmony Packaging*", Rockport Publishers", Londres, 2008
- PALOTAI, Gabor e Linda Rampell, "*111 Posters by Gabor Palotai*", Gabor Palotai Publishers, Stockholm, 2007
- PRICKEN, Mário, "*Publicidad Creativa, Ideas y Tenicas de las Mejores Campañas Internacionales*", Editorial Gustavo Gil, Bcelona, 2009
- RODRIGUES, António, "António Ferro na Idade do Jazz Band", Livros Horizontes, Lisboa, 1996
- ROBERTS, Raymons, "*Typographic Design*", Ernest Berm Ltd, Londres, 2006
- SANTOS, João Moreira dos, "Jazz em Casais, uma História de 80 Anos", Casa Sasseti, Cascais, 2009
- SHIPTON, Alyn, "*A New History of Jazz*", Continnum, Londres, 2006
- SOUSA, Maria, "Cascais 1900", Edições Inapa, Lisboa, 2003
- SPIEKERMAN, Erik & E. M. Ginger, "*Stop Stealing Sheep and find out how type works*", Adobe Press, 1993
- TIMMERS, Margaret, "*The Power of Poster*" V & A Publications, London, 2003
- WEILL, Alain, "*The Posters, a Worldwide Survey and History*", Sotheby's Publications, Londres, 1985
- WIEDMANN, Julius e Joaquim Paulo Fernandes, "*Jazz Covers*", Tashen editions, 2009
- WILD, Peter, "*Information Graphic Inovative Solutions in Graphic Design*", Thames & Hudson, 2003

4.2. BIBLIOGRAFIA WEB

http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://rodapedohorizonte.files.wordpress.com/2009/05/desktop_azz_band.jpg&imgrefurl=http://rodapedohorizonte.wordpress.com/2009/05/20/3dt-rock-band-os-estilos-musicais/&usg=__THhaQEpv-alue-c6Ea9aRafvjw8=&h=864&w=1152&sz=51&hl=pt-PT&start=4&um=1&tbnid=Lks8b7W8IG-G9M:&tbnh=112&tbnw=150&prev=/images%3Fq%3Djazz%2Btomar%26imgsz%3Dxxlarge%26hl%3Dpt-PT%26client%3Dfirefox-a%26rls%3Dorg.mozilla:pt-PT:official%26sa%3DG%26um%3D1

[http://ma.tt/jazzquotes/Ellis-Marsalis, 10/06/2009, 22:47](http://ma.tt/jazzquotes/Ellis-Marsalis,10/06/2009,22:47)

<http://pbskids.org/jazz/nowthen/index.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blues>, 14/07/09, 18:33

<http://www.allaboutjazz.com/php/jazzquotes.php>, 24/05/09, 15:13

<http://www.allmusic.com/cg/amg.dll?p=amg&sql=19:T709>, 24/05/09, 14:45

<http://www.amazon.com/gp/bestsellers/music>

<http://www.claudiafarnesi.com.br/wp/wp-content/uploads/2009/03/festival-de-jazz21.jpg>

<http://www.cowboylyrics.com/lyrics/jones-george/color-of-the-blues-13095.html>, 14/07/09, 18:37

<http://www.infoplease.com/spot/colors1.html>, 18:47, 14/07/09

<http://www.infoplease.com/spot/colors1.html>, 18:47, 14/07/09

<http://www.misterpoll.com/polls/193631/results>

<http://www.kentjennings.com/indexf.php?pagename=bio-contact>, /03/09, 00:24

<http://100greatestjazzalbums.blogspot.com>

5.0. ANEXOS

5.1 ENTREVISTAS

ENTREVISTA AO SAXOFONISTA MÁRIO SANTOS. PROFESSOR DO CURSO SUPERIOR DE JAZZ NA ESMAE:

Como foi o seu primeiro contacto com a música? Começou pelo Jazz ou nem por isso?

O meu primeiro contacto musical não foi de todo com o Jazz. Principiei por tocar guitarra, influenciado pelo folke blues, mais tarde conheci uns amigos que me influíram a ouvir música brasileira e assim comecei a dar os primeiros acordes, a cantar e a tocar harmónica. Lembro-me ainda de ter estudado órgão com um vizinho. Na altura estudava no secundário com o intuito de ingressar no curso de arquitectura. Acabei o 12º ano na vertente artes e tentei a minha sorte, mas não tive sucesso pois as médias eram bastante elevadas, no entanto acabei como segunda opção por ir parar a Engenharia Civil na Universidade de Coimbra, mas creio que apenas lá apareci uma vez. Nesse mesmo ano surge a Escola de Jazz do Porto e através de um amigo fui a casa do Pedro Abrunhosa que me incentivou na altura a ouvir uns discos de Frank Sinatra com Count Basie, a comprar um saxofone e estudar Jazz. A verdade é que adorei, comprei um saxofone e inscrevi-me na escola de Jazz do Porto, na altura, com o professor José Menezes.

Desde essa altura até ao presente pode descreva-me um pouco do seu percurso como saxofonista?

Tal como lhe disse, estudava na Escola de Jazz do Porto e na altura não havia tantos músicos como há agora, logo tive sempre um pouco de sorte no que respeita a oportunidades. Tocava apenas uma ou duas escalas e já estava a trabalhar com muita gente interessante: Pedro Barreiros, Mário Barreiros, entre outros... Havia uma vontade enorme em formar grupos na cidade e mais do que tudo tocar. Fora isso a formação Big Band esteve sempre presente no meu percurso desde cedo, trabalhei com a orquestra da Escola de Jazz do Porto, na altura dirigida pelo Pedro Abrunhosa e assim fui-me ligando à escola. Criei projectos em duo com Pedro Barreiros, lembro-me de ensaiar diversas vezes em casa dele com amigos que partilhavam o gosto pelo Jazz e paralelamente nasceu um grupo denominado "Rapazes do Jazz", liderado por mim.

No segundo ano de aprendizagem na escola comecei logo a leccionar, acabei por ficar ligado à escola durante diversos anos, não só na parte de professor, mas também na parte da secretaria e ajudar em tudo o que fosse preciso. Posteriormente acabei por abandonar a escola e comecei a dar aulas particulares.

Os “Rapazes do Jazz” terminaram e surge a “Heritage Big Band” que mais tarde se transformou na Orquestra de Jazz de Matosinhos onde trabalhei desde o início; entretanto surge um projecto com Jorge Letlier que acabou por ficar a viver durante uns tempo em minha casa; frequentei também a orquestra do Hot Club de Portugal, assim como o sexteto Mário Barreiros, formando posteriormente o meu quinteto de Jazz. É então que emerge o Curso Superior de Jazz na ESMAE, candidatei-me e concluí-o. Actualmente lecciono a disciplina de saxofone Jazz na ESMAE.

Quais são as dificuldades que um músico de Jazz em afirmação encontra no mercado nacional?

Para as coisas funcionarem é necessário haver espaço, lugares para mostrar o que tocamos frequentemente, que são escassos. Aqui no Porto há o Bflate o Hot5, em Lisboa há o Hot Club e mais uma porradadeles onde nunca me foi permitido o acesso. É realmente uma situação paradoxal, cada vez há mais formações de qualidade a quererem afirmar-se musicalmente e cada vez menos espaços onde apresentar devidamente esses projectos. O mesmo digo em relação aos festivais de Jazz em Portugal, que são tantos, possivelmente até demais, em que o músico português vai uma vez e nunca mais torna a ir, o que contrasta com a programação de músicos estrangeiros que se repetem montes de vezes. Não há procura de novos talentos, de novos projectos, nem muito menos apoios para a edição discográfica.

Sei que o público de Jazz é restrito e o investimento principalmente no que é nacional é raro. Creio infelizmente que isso não está visível só na música mas em todas as artes em geral, isto traduz-me a impressão de que Portugal não acredita nos seus cidadãos, nos seus artistas.

Fazem-se coisas interessantíssimas por aqui mas raramente é dada a oportunidade para vingar, pois os espaços para se apresentarem e divulgarem o trabalho são poucos.

Mesmo com essa carência de espaço como conseguiu editar o seu CD? Pode contar-me melhor esse processo e os obstáculos que encontrou?

O meu primeiro grande concerto foi no Festival Internacional de Jazz do Porto em 1996, fui convidado a actuar na altura pela CulturPorto com o projecto “Rapazes do Jazz”. Passado quase uma década, em 2005 fui convidado pelo festival para escrever músicas especialmente para tocar no evento, foi uma espécie de encomenda. Nessa altura compus 10 músicas para uma formação que gosto muito, saxofones, contrabaixo e bateria, ou seja a ausência de instrumento harmónico. É então que o disco surge, pois

a CulturPorto, na altura, dava algum dinheiro para a edição desse projecto. Tocámos no festival, tocámos bem, penso que as pessoas gostaram, e de seguida gravámos o projecto.

Mesmo assim tive de seguir os caminhos da edição de autor, pois propus a edição do projecto numa ou outra editora mas demorava muito tempo para o disco sair, no caso do Trem Azul anos, noutras mais um sem número de condicionantes, mas como a vontade de ter o meu projecto cá fora era tanta que tive de adiantar as coisas a meu cargo, com alguma ajuda da CulturPorto como referi. O dinheiro subsidiado pagou em parte a gravação no estúdio Mário Barreiros e nós músicos pagámos o resto: mil exemplares, mais impressões, divulgações, etc.

Quem realizou a parte gráfica desse disco?

Fui eu que a fiz com a ajuda de um amigo de longa data, Paulo Gaspar Ferreira, que trabalha numa Gráfica, o conceito foi meu, chamei Encomenda ao disco porque, tal como lhe disse, foi de facto uma encomenda para o Festival Internacional de Jazz do Porto, todo o grafismo assenta nesse conceito.

Em que ideais constrói as suas composições de Jazz?

Jazz é música improvisada e eu sempre gostei disso. No meu entender o ideal, porque sempre estive ligado à composição e sempre tive uma vontade natural em escrever melodias e harmonias, será escrever obras originais e improvisar sobre elas, que será no fundo, construir uma casa e habitar dentro dela, pois à medida que vamos habitando vamos alterando coisas com vista a construir a casa ideal, o tema ideal que vai possibilitar que eu me exprima ao máximo, mas essa casa será sempre utópica.~

O que distingue o Jazz de qualquer outro estilo musical?

O factor mais importante é o swing e a improvisação! Mais nenhum estilo assenta sobre o swing, neste âmbito será importante assumirmos o papel da bateria como um dos instrumentos mais importantes do Jazz, a seguir aos Marching Bands inventaram a bateria, juntaram os bombos e a tarola aos pratos, o que quatro ou cinco faziam na rua a tocar passou a ser o que uma pessoa sozinha fazia com a sua agilidade e talento.

O Jazz foi um movimento tão importante, que todos os outros estilos lhe copiaram características: o swing, os balanços da bateria que vinha de África, as malhas harmónicas do bebop, tudo foi reproduzido e isso vê-se até mesmo no rock, ou seja, existem dissecações do jazz em estilos diversos mas quando ouço Jazz conheço imediatamente através do ritmo do swing do “zinguidim zinguidim” dos pratos e da possibilidade de haver um espaço dominante para contar uma história sobre a história, improvisando, isso é de facto o mais importante porque em termos harmónicos, as formas do Jazz, AA, AABA, AAB, AB, os acordes, isto tudo veio da música Clássica.

Referiu a bateria como um dos instrumentos mais importantes do Jazz, mas no seu entender qual o instrumento do Jazz por excelência?

Por excelência aquele instrumento que quando apareceu foi uma coisa do fim do mundo foi o saxofone. É um instrumento recente que brota na Bélgica durante o período histórico em que o Jazz nasce nos EUA, o instrumento viajou e começou a ser muito utilizado pelos jazzistas e referentemente conotado a esse estilo musical ao contrário da música clássica, que nessa altura não explorou muito o recente instrumento, talvez por ter um timbre diferente. Para além disso, é um instrumento lindíssimo, charmoso, muito mais bonito que uma bateria apesar de haver baterias lindas, uma obra de arte de Adophe Sax, com um timbre que se assemelha a uma voz rouca, nesse sentido não nos podemos esquecer que o Jazz começou por ser cantado, e como o saxofone é o instrumento mais próximo da voz humana foi explorado pelo pessoal do Jazz e por músicos que na altura tocavam clarinete e passaram a tocar o saxofone.

Qual a paleta de cor do Jazz?

Se tivermos em conta que o saxofone é o instrumento mais conotado ao estilo, podemos assumir o prateado e o dourado como cores da paleta, pois eram as cores dos acabamentos em prata e ouro respectivamente, em que os instrumentos podiam frequentemente ser encomendados. Depois como é uma música que provém de África, uma música de uma minoria, uma música de intervenção, um grito de protesto, revolta e libertação ao que se passava na altura, escolheria o preto e o vermelho.

Se por outro lado pensarmos que deriva dos blues o azul poderá estar relacionado, assim como podemos ter em conta que deriva de África das plantações e dos cânticos de trabalho dos escravos e nesse sentido a paleta principal das bandeiras africanas são o amarelo, preto, vermelho e verde que não devem ser desaproveitadas. Penso que como continuação deste raciocínio o castanho poderá surgir como ligação ao elemento terra.

Qual o maior artista da história Jazz para si?

Não podemos gostar só de uma coisa e tenho vários artistas que adoro... a perfeição não existe. Agora aquele que eu acho mais importante é o Coltrane, por ele toda a geração precedente foi inspirada, estou a falar do jazz moderno, agora se andarmos para trás e caminharmos no sentido do Jazz standard aí foi Charlie Parker que virou o Jazz do avesso. Foi nestes que concentrei a minha escuta, mais especificamente artistas dos anos 60, altura em que se passou tudo no Jazz embora ouça muitos mais, pois nesse sentido sou bastante curioso.

No âmbito do festival de Jazz, como acha que o cartaz deve ser abordado nas suas diferentes edições, standardizando a linha gráfica ou inovando e criando composições únicas todas os anos?

Como sabe eu sempre tive um bichinho gráfico dentro de mim, isto por ter frequentado o curso de artes no secundário e por ter trabalhado num gabinete de arquitectura mais de uma dezena de anos, posso-lhe dizer que por exemplo nos concertos semanais da Escola de Jazz do Porto fazia os cartazes e bilhetes. Tentava escolher sempre uma imagem diferente para base do cartaz porque nenhum grupo é igual, e mais do que isso, nenhum concerto de Jazz é igual embora tocado pelos mesmos artistas. Os cartazes eram desenhados por mim, e sempre tive uma obsessão pelo pormenor, por partes de instrumentos, pegar por exemplo só numa tecla do piano ou numa chave do saxofone e desenvolver tudo nesse conceito.

Portanto os cartazes devem ser sempre diferentes, e porquê? Porque o Jazz não morreu, não tem um princípio, meio e fim, apenas um princípio; é uma música tão forte, embora tocada por uma minoria, que está a aumentar, pois para mim é notório, desde que comecei a estudar até agora a quantidade de músicos, público e festivais que apareceram e reflectem o crescimento da máquina do sistema, pois se a coisa dá dinheiro surgem mais eventos. Penso que cabe então ao designer fazer cartazes diferentes, sem no entanto desprezar a imagem do festival, algo que vai ser sempre igual para ligar as edições do festival a um logótipo, e tudo o que está para além disso deverá ser produzido diferentemente. O cartaz de jazz não pode ser congelado, pois o jazz é sempre diferente, não existem dois momentos iguais, não pode ser sempre a mesma coisa pois isso vai contra os princípios do Jazz, a improvisação nunca é igual.

Quais os festivais que recorda como graficamente eficazes?

Nunca desgostei dos cartazes do Festival Internacional de Jazz do Porto só que o festival já se extinguiu. Tinham muita piada, eram sempre diferentes e estavam relacionados com os temas e a história do Jazz, foi precisamente na sua última edição que eu fui lá actuar e nesse ano havia um cartaz distinto para cada grupo e até a apresentação do festival nos jornais era diferente consoante os grupos que lá iam actuar. Fora esse, será interessante referir o Guimarães Jazz pois penso que têm um grafismo bastante possante.

FIM. (Entrevista realizada a 17/07/09 às 15:30)

5.2 CARTAZES DE FESTIVAIS

Segue-se uma curta catalogação de cartazes de alguns festivais referidos anteriormente na investigação, para que seja dado ao leitor, a hipótese de recorrer a mais artefactos visuais para compreender melhor os problemas colocados até então. Não obstante, recomenda-se a visualização de um conjunto mais considerável de cartazes que segue anexado em formato digital, em CD no final do trabalho.

CASCAIS
JAZZ
(FESTIVAL DE NEWPORT NA EUROPA)

1º festival internacional de Jazz de Cascais

MILES DAVIS · SEPTET
ORNETTE COLEMAN · QUARTET

GIANTS OF JAZZ:
DIZZY GILLESPIE
THELONIOUS MONK
ART BLAKEY
SONNY STITT
KAI WINDING
AL MCKIBBON

PHIL WOODS & HIS EUROPEAN RHYTHM MACHINE
PHIL WOODS · GORDON BECK · RON MATHEWSON · DANIEL HUMAIR
DEXTER GORDON · JOE TURNER "CANTOR DE BLUES"
QUARTETO "THE BRIDGE"

PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE CASCAIS · 20/21 DE NOVEMBRO 21,30 HORAS
patrocínio da secretaria de estado da informação e turismo e da junta de turismo da costa do sol
colaboração da câmara municipal de cascais

"JAZZ É CULTURA"

Jazz
cascais

9, 10, 11 de novembro de
1973

21,30 horas, dias 9 e 10
18 horas, dia 11

BANCO TOTTA & AÇORES

CASCAIS
Jazz 74

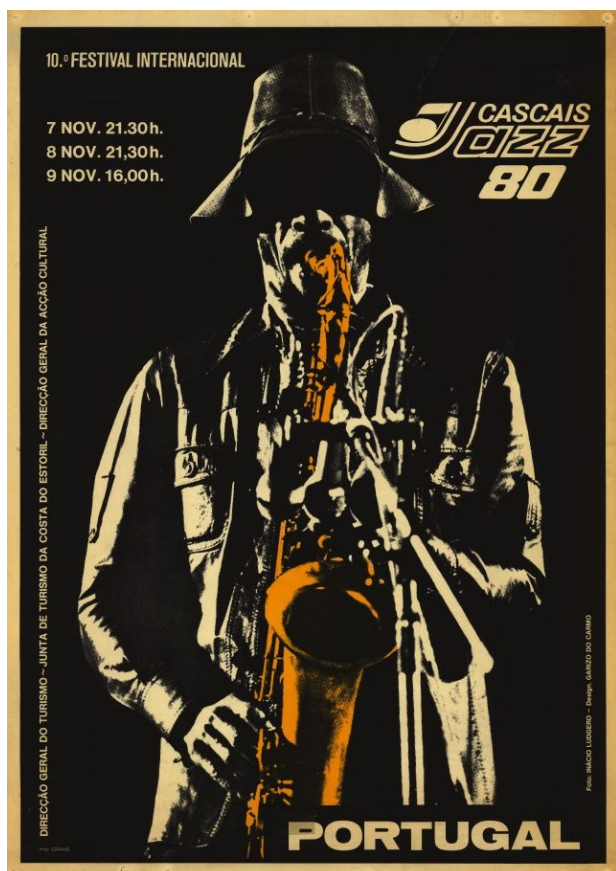
novembro
dias 22 e 23
às 21.30
dia 24
às 16.00

SOTTOMAYOR
SOTTOMAYOR
BANCA/EMPRESA

CASCAIS
Jazz 75

novembro
dias 21 e 22
às 21.30
dia 23
às 16.00

PORTUGAL
DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL



DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO • JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL

CASCAIS JAZZ

PORTUGAL 82

PAVILHÃO DOS SALESIANOS - ESTORIL
5, 6 NOV. às 21.30
e 7 NOV. às 16 h.



12.º FESTIVAL INTERNACIONAL

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS • DIRECÇÃO GERAL DA ACCÇÃO CULTURAL

DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO • JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL

CASCAIS JAZZ

PORTUGAL 83

PAVILHÃO DOS SALESIANOS - ESTORIL
4,5 nov.-21,30 h/dia 6, às 16 h



13.º FESTIVAL INTERNACIONAL

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS • DIRECÇÃO GERAL DA ACCÇÃO CULTURAL

DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO • JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL

CASCAIS JAZZ

PORTUGAL 84

PAVILHÃO DOS SALESIANOS - ESTORIL
9, 10 nov.-21,30 h/dia 11, às 16 h



14.º FESTIVAL INTERNACIONAL

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS • DIRECÇÃO GERAL DA ACCÇÃO CULTURAL

DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO • JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO ESTORIL

CASCAIS JAZZ

PORTUGAL 86

PARQUE DE PALMELA
Sábado 5 Julho-21,30 h.-Domingo 6 Julho-17,00 h.



16.º CASCAIS JAZZ

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS • DIRECÇÃO GERAL DA ACCÇÃO CULTURAL

CASCAIS · PORTUGAL

PARQUE DE PALMELA - Julho dia 10-21.30
dia 11 - 17.00

CARMEN Mc RAE
RED NORVO / TAL FARLOW
CHICO FREEMAN
BOBBY Mc FERRIN
AL HAIG / ART THEMEN

JAZZ NUM DIA DE VERÃO

CASCAIS 82

CASCAIS · PORTUGAL

PARQUE DE PALMELA
Sábado 9 Julho - 21,30 h. - Domingo 10 Julho - 17,00 h.

PIERRE BLANCHARD
BOBBY HUTCHERSON
JACKIE Mc LEAN
MACHITO
BARBARA THOMPSON
(PARAPHERNALIA)

JAZZ NUM DIA DE VERÃO

CASCAIS 83

CASCAIS · PORTUGAL

PARQUE DE PALMELA
Sábado 7 Julho - 21,30 h. - Domingo 8 Julho - 17,00 h.

JEAN LOUIS CHAUTEMPS
RENÉ URTREGER
TONY BAWENS
DON FRIEDMAN
JOHNNY GRIFFIN
EDDIE "LOCKJAW" DAVIS

JAZZ NUM DIA DE VERÃO

CASCAIS 84

JAZZ

PARQUE DE PALMELA
Junho dia 30 - 21,30 horas Julho dia 1 - 21,30 horas

JOE WILLIAMS
RED RODNEY
TOMMY SMITH
MARIA VIANA

JAZZ NUM DIA DE VERÃO

Câmara Municipal de Cascais ♦ Direcção Geral da Acção Cultural
Direcção Geral do Turismo ♦ Junta de Turismo da Costa do Estoril

CASCAIS PORTUGAL

89

ESTORIL JAZZ

CASINO ESTORIL

QUARTETO
MARCUS ROBERTS
 JULHO 13 - 21.30 e 23.30 h


HARPER BROTHERS
 JULHO 14 - 21.30 e 23.30 h

NEW YORK VOICES
 JULHO 26 - 21.30 e 23.30 h

PARQUE DE PALMELA CASCAIS

QUINTETO
SCOTT HAMILTON
 COM SPANKY WILSON
 JULHO 27 - 22.00 h

PROJAZZ NEW YORK ALL STARS
 COM CLARK TERRY
 JULHO 28 - 21.30 h



JAZZ NUM DIA DE VERÃO 90 PORTUGAL

SEC. DIRECCION-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL
 American Cultural Council
 Junta de Turismo da Costa do Estoril

ESTORIL SOL
 MUNICIPIO DE CASCAIS
 United States Information Service

ESTORIL JAZZ

II CURSOS INTERNACIONAIS PROJAZZ/91

ESCOLA SALESIANA DO ESTORIL, Julho 8/13

REGGIE WORKMAN CONTRABAIXO	BARNEY KESSEL GUITARRA
HAL GALPER PIANO	BILL PIERCE SAXOFONES
ALAN DAWSON BATERIA	TERENCE BLANCHARD TROMPETE

CASINO ESTORIL

LENI ANDRADE
 JULHO 4-21.30 E 23.00

NYJO
 JULHO 6-21.30 E 23.00

PARQUE PALMELA

PROJAZZ NEW YORK ALL STARS
 JULHO 13-21.30



JAZZ NUM DIA DE VERÃO 91 PORTUGAL

100 AIR PORTUGAL
 SEC. DIRECCION-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL
 Junta de Turismo da Costa do Estoril

MUNICIPIO DE CASCAIS
 ESTORIL SOL
 American Cultural Council
 United States Information Service
 Secretaria de Estado do Turismo
 Instituto de Promoção Turística

ESTORIL JAZZ

CASINO ESTORIL

SHEILA JORDAN
 JULHO 2 - 22,00h

**FRANK MORGAN
 GEORGE CABLES**
 JULHO 3 - 22,00h

QUINTETO DE THELONIOUS MONK Jr.
 JULHO 9 - 22,00h

TRIO DE HANK JONES
 JULHO 10 - 22,00h

PARQUE DE PALMELA

ORQUESTRA DE COUNT BASIE
 JULHO 4 - 22,00h

QUINTETO DE HILTON RUIZ
 JULHO 11 - 22,00h



JAZZ NUM DIA DE VERÃO 92 PORTUGAL

DELTA AIRLINES
 SEC. DIRECCION-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL
 Junta de Turismo da Costa do Estoril

MUNICIPIO DE CASCAIS
 ESTORIL SOL
 Secretaria de Estado do Turismo
 Instituto de Promoção Turística

ESTORIL JAZZ

PARQUE DE PALMELA

JOE HENDERSON TRIO
 JULHO 1 - 22,00h

JIMMY SMITH FOURMOST
 JULHO 3 - 22,00h

LIONEL HAMPTON E OS SEUS «GOLDEN MEN OF JAZZ»
 JULHO 10 - 22,00h

CINETEATRO CASINO ESTORIL

**TRIO DE JOHN HORLER
 ART THEMEN
 MARIA VIANA**
 JULHO 8 - 22,00h

QUINTETO DE J. J. JOHNSON
 JULHO 9 - 22,00h



XII JAZZ NUM DIA DE VERÃO 93 PORTUGAL

DIRECCION-GERAL DOS ESPETACULOS E DAS ARTES
 Junta de Turismo da Costa do Estoril

MUNICIPIO DE CASCAIS
 CAMARA MUNICIPAL DE CASCAIS
 ESTORIL SOL
 Hammond Organs
 RUVINA

ESTORIL JAZZ

CINETEATRO CASINO ESTORIL

TRIO DE **BERNARDO SASSETTI** COM **BUCK HILL**
JULHO 2 - 22.00h

QUARTETO DE **DANILO PEREZ** **DAVID SANCHEZ**
JULHO 8 - 22.00h

TRIO DE **AHMAD JAMAL**
JULHO 9 - 22.00h

PARQUE PALMELA

QUARTETO DE **JOSHUA REDMAN**
JULHO 15 - 22.00h

LUCKY PETERSON (BLUES)
JULHO 16 - 22.00h

XIII JAZZ NUM DIA DE VERÃO 94 PORTUGAL







ESTORIL JAZZ

PARQUE MARECHAL CARMONA
JUNTO AO PAVILHÃO DO DRAMÁTICO DE CASCAIS

SEXTETO DE **MÁRIO BARREIROS**
SEPTETO DE **MACEO PARKER**
JULHO 1 - 22.00h

QUARTETO DE **JAMES CARTER**
JULHO 6 - 22.00h

QUINTETO DE **NAT ADDERLEY**
JULHO 7 - 22.00h

JIMMY JOHNSON
BLUES BAND
JULHO 15 - 22.00h

TEATROAUDITÓRIO CASINO ESTORIL

QUINTETO DE **GEORGE SHEARING**
JULHO 8 - 22.00h

TRIO DE **RAY BROWN**
JULHO 13 - 22.00h

KEVIN MAHOGANY + TRIO
JULHO 14 - 22.00h

XIV JAZZ NUM DIA DE VERÃO 95 PORTUGAL







ESTORIL JAZZ

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Produção:

QUARTA 3 DE JULHO - 22H00
BETTY CARTER + TRIO

QUINTA 4 DE JULHO - 22H00
BLUE NOTE ALL STARS

SEXTA 5 DE JULHO - 22H00
BOBBY WHITSON & "NEW HORIZON"
Com **Yarell Stefford**

SABADO 6 DE JULHO - 22H00
THE CARNEGIE HALL JAZZ BAND Dir. **JON FADDIS**

QUARTA 10 DE JULHO - 22H00
PHIL WOODS PRESENTS "SAX MACHINE"
Com **Charles Mc Pherson, Gary Bartz, Jesse Davis**
e o **Trio do Cyrus Chestnut**

SABADO 13 DE JULHO - 22H00
MOREIRAS JAZZTET
TRIO DE SHIRLEY SCOTT/DAVID "FATHEAD" NEWMAN

CASINO ESTORIL (Teatro Auditório)

QUINTA 11 DE JULHO - 22H00
JON HENDRICKS & COMPANY
com o convidado **BRIAN LYNCH**

SEXTA 12 DE JULHO - 22H00
TANAREID com o convidado **NICK BRIGNOLA**

XV JAZZ NUM DIA DE VERÃO 96 PORTUGAL






ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO PARQUE PALMELA

Produção:

QUINTA 3 DE JULHO - 22H00
Trio de Mc Coy Tyner

SEXTA 4 DE JULHO - 22H00
Orquestra de Woody Herman

QUARTA 9 DE JULHO - 22H00
Jerry Gonzalez & Forte Apache Band

QUINTA 10 DE JULHO - 22H00
"West Coast Evening" com
Bud Shank & Friends + Convidados
Sua Roney (Voz)
e Conte Candoli (Trompeta)

SABADO 13 DE JULHO - 22H00
Quinteto de Carlos Barreto

"New Orleans em Cascais" com
Nicholas Payton & "Gumbo Nouveau" band

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

SABADO 5 DE JULHO - 22H00
Quarteto de Abbey Lincoln

SEXTA 11 DE JULHO - 22H00
Orquestra de Frank Foster

XVI JAZZ NUM DIA DE VERÃO 97 PORTUGAL






ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO DO PARQUE PALMELA

Produção: 

QUINTA 2 DE JULHO - 22H00
QUARTETO DE DIANNE REEVES

SEXTA 3 DE JULHO - 22H00
JAPP (Jazz At Palmela Park)
 (Homenagem a JATP-Jazz At the Philharmonic) com
TRIO DE RAY BROWN Com os convidados
STEVE TURRE - Trombone
JAMES MOODY/LEW TABAKIN - Saxofones Tenor
TERELL STAFFORD - Trompete

QUINTA 9 DE JULHO - 22H00
ORQUESTRA DE PHIL WOODS

SÁBADO 11 DE JULHO - 22H00
JOE LOUIS WALKER BLUES BAND
 (com Sopros)

DOMINGO 5 DE JULHO - 22H00 (Baia Palco ao Ar Livre) *
 e CASINO ESTORIL "DU ARTE GARDEN" DIAS 6, 7 e 8 às 00H15

SEXTETO DE KEITH SMITH
 Com o convidado
SCOTT HAMILTON

* Iniciativa paralela patrocinada pela Câmara Municipal de Cascais, Junta de Turismo da Costa do Estoril e British Council



XVII JAZZ NUM DIA DE VERÃO 98 PORTUGAL

ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO DO PARQUE PALMELA

Produção: 

SEXTA 2 DE JULHO - 22H00
QUARTETO DE CARMEN LUNDY

SÁBADO 3 DE JULHO - 22H00
QUARTETO DE GEORGE COLEMAN

QUINTA 8 DE JULHO - 22H00
JAPP (Jazz At Palmela Park)
 (Homenagem a JATP-Jazz At the Philharmonic) com
Nicholas Payton + Terrell Stafford - trompete
Jesse Davis - Saxofone Alto
Harry Allen / Eric Alexander - Saxofone Tenor
Peter Bernstein - Guitarra
Mulgrew Miller - piano
Peter Washington - contrabaixo
Ronny Washington - bateria

SEXTA 9 DE JULHO - 22H00
ORQUESTRA DE BILL HOLMAN

SÁBADO 10 DE JULHO - 22H00
KENNY NEAL BLUES BAND

DOMINGO 4 DE JULHO - 18H00 *
 (Sintra - Parque da Liberdade - Ringue de Patinagem)
 e CASINO ESTORIL "DU ARTE GARDEN"
 SEGUNDA 5, TERÇA 6, QUARTA 7 DE JULHO - 23H00

HAYES KAVANAGH'S
New York Jazz Band
 c/ Richard Wyands, Eddie Locke, Spanky Davis

* Com o apoio da Embaixada dos EUA



XVIII JAZZ NUM DIA DE VERÃO 99 PORTUGAL

ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO DO PARQUE PALMELA

Produção: 

SEXTA 7 DE JULHO - 22H00
QUARTETO DE NNENNA FREELON

SÁBADO 8 DE JULHO - 22H00
QUARTETO DE DONALD HARRISON
 com o convidado **CHRISTIAN SCOTT** (trompete)

SEXTA 14 DE JULHO - 22H00
NICHOLAS PAYTON BIG BAND
 (The Louis Armstrong Centennial Project)

SÁBADO 15 DE JULHO - 22H00
TRIO DE BILL CARROTHERS

DOMINGO 9 DE JULHO - 18H00
 (Sintra - Parque da Liberdade - Ringue de Patinagem)
 e CASINO ESTORIL "DU ARTE GARDEN"
 dias 10,11,12 de Julho - 23H30

DENA DEROSE TRIO
 (Com a convidada **INGRID JENSEN**)
DENA DEROSE - piano e voz
PAUL GILL - contrabaixo
INGRID JENSEN - trompete

Auditório do Parque Palmela
 Dias 10,11,12 de Julho - 15H00
 Workshop conduzido por Billy Hart (bateria)



XIX JAZZ NUM DIA DE VERÃO 00 PORTUGAL

ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO DO PARQUE PALMELA

Produção: 

SEXTA 6 DE JULHO - 22H00
Quarteto de Charles Lloyd

SÁBADO 7 DE JULHO - 22H00
Quarteto de Chris Potter

SEXTA 13 DE JULHO - 22H00
Quinteto de Frank Foster / Frank Wess

SABADO 14 DE JULHO - 22H00
The Brecker Brothers

Quinteto de Hal Galper
 Participará nas seguintes ações:

CONCERTO
DOMINGO 8 DE JULHO - 18H00
 Sintra - Parque da Liberdade (Ringue de Patinagem)

CONFERÊNCIAS, SEMINÁRIOS, WORKSHOPS (Master Classes)
SEGUNDA, TERÇA, QUARTA 9,10,11 DE JULHO - 21H30
 Auditório do Parque Palmela

CASINO ESTORIL - "DU ARTE GARDEN"
SEGUNDA, TERÇA, QUARTA 9,10,11 DE JULHO - 00H00



XX JAZZ NUM DIA DE VERÃO 01 PORTUGAL

ESTORIL JAZZ

AUDITÓRIO DO PARQUE PALMELA

Produção: **PROJAZZ DM PRODUÇÕES**

SEXTA-FEIRA - 5 DE JULHO - 22.00H **Mingus Big Band**

SÁBADO - 6 DE JULHO - 22.00H **Quarteto de Tierney Sutton**

QUINTA-FEIRA - 11 DE JULHO - 22.00H **Quinteto de "El Índio"**

SEXTA-FEIRA - 12 DE JULHO - 22.00H **Quarteto Heath Brothers**

SÁBADO - 13 DE JULHO - 22.00H **Gary Bartz / Stefon Harris / Quinteto**

Quinteto de Rufus Reid
Participará nas seguintes acções:

CONCERTO
DOMINGO - 7 JULHO - 21.30H
Sintra - Centro Cultural Olga Cadaval

CONFERÊNCIAS, SEMINÁRIOS (Master Classes)
SEGUNDA-TERÇA-QUARTA 8, 9, 10 JULHO - 21.30H
Auditório do Parque Palmela

CASINO ESTORIL - WONDER BAR
SEGUNDA, TERÇA 8, 9 JULHO - 00.00H
Quarteto de Tierney Sutton

CASINO ESTORIL - "DU ARTE GARDEN"
QUARTA - 10 JULHO - 00.00H
Quinteto de Rufus Reid

XXI JAZZ NUM DIA DE VERÃO 02 PORTUGAL

ESTORIL 5-C MC Câmara Municipal de Cascais COSTA ESTORIL Junta de Turismo do Centro do Estoril Portugal

ESTORIL JAZZ 2007

6 a 15 de JULHO

AUDITÓRIO PARQUE PALMELA

Produção: **PROJAZZ DM PRODUÇÕES** JAZZ NUM DIA DE VERÃO

6 BUSTER WILLIAMS

7 DAVE HOLLAND

8 SAN FRANCISCO JAZZ COLLECTIVE

13 JOSHUA REDMAN

14 LAURENT FILIPE / KURT ELLING

**15 JAPP - JAZZ AT PALMELA PARK
JATP-JAZZ AT THE PHILHARMONIC REVISITED**

Cascais Câmara Municipal CASINO ESTORIL MC Instituto das Artes TURISMO DE PORTUGAL

ESTORIL JAZZ 2008

4 a 13 de JULHO

FORTALEZA DE CASCAIS

Produção: **PROJAZZ DM PRODUÇÕES** JAZZ NUM DIA DE VERÃO

4 MINGUS DYNASTY

5 RON CARTER

6 MIGUEL ZENON / KARRIN ALLYSON

11 BOBBY HUTCHERSON

12 BRANFORD MARSALIS

13 JATP-JAZZ AT THE PHILHARMONIC REVISITED

www.projazz.pt

Cascais Câmara Municipal CASINO ESTORIL MC dgARTES TURISMO DE PORTUGAL

ESTORIL JAZZ 2009

26 de JUNHO a 5 de JULHO

CENTRO DE CONGRESSOS DO ESTORIL

Produção: **PROJAZZ DM PRODUÇÕES** JAZZ NUM DIA DE VERÃO

26 de Junho JAMES CARTER

**27 de Junho JAZZ EM MIUDOS
JON MAYER
ROSEANNA VITRO /
KENNY WERNER**

28 de Junho CHICK COREA

3 de Julho DAVID MURRAY

4 de Julho MINGUS DYNASTY

5 de Julho CHRISTIAN MCBRIDE

www.projazz.pt

Cascais Câmara Municipal ESTORIL CENTRO DE CONGRESSOS TURISMO DE PORTUGAL MC dgARTES CASINO ESTORIL

GUIMARÃES 93

JAZZ

20 a 27 de Novembro

Art Farmer & Trio de Zé Eduardo
KAF - Kinteto de António Ferro
Mal Waldron Trio c/ Carlos Barreto
Conrad Herwig & Trio de Bernardo Sasseti
Hermeto Pascoal Trio
Deborah Brown Quartet
Raúl Marquez e os Amigos da Salsa

Câmara Municipal de Guimarães — Convívio - Associação Cultural

GUIMARÃES JAZZ 94

18 a 26 de Novembro

Org.: Câmara Municipal de Guimarães Convívio - Associação Cultural

18 - Sexta - 22.00 h.
Laurent Filipe e Orquestra Som do Mundo c/ Ali Ryerson
Auditório da Universidade do Minho

19 - Sábado - 22.00 h.
Jane Ira Bloom Trio c/ Cameron Brown e Bobby Previte
Auditório da Universidade do Minho

21 - Segunda - 22.00 h.
Ana Alves Quinteto
Café Milenário

22 - Terça - 22.00 h.
Cindy Blackman Quarteto c/ Carlos Martins
Auditório da Universidade do Minho

Mulheres do Jazz

24 - Quinta - 22.00 h.
Sophia Domacich Trio
Auditório da Universidade do Minho

25 - Sexta - 22.00 h.
Unpredictable Nature
Auditório da Universidade do Minho

26 - Sábado - 22.00 h.
Maria Anadon, Ana Paula Oliveira e Fátima Serro c/ Trio de Carlos Azevedo
Auditório da Universidade do Minho

Patrocinadores: Zonaltureturism GIMARÃES, HOTEL FUNDADOR, RFM, PUBLICO, SEFE, SORBUS, etc.

Auditório da Univ. do Minho
4 a 11 de Novembro - 22 horas

JAZZ CINEMA

Guimarães 95

4 - Sábado
Farafós Jazz Band + Melvin Brown

5 - Domingo
Telectu + Jac Berrocal + Louis Sclavis
c/ filmes de Palolo

6 - Segunda
Curtas Metragens dedicadas ao Jazz

7 - Terça
Bill Frisell Band + Joey Baron
c/ filmes de Buster Keaton

8 - Quarta
Kenny Wheeler + Trio de Carlos Bica
(no Paco dos Duques de Bragança)

9 - Quinta
Ficcões Septeto de Tomás Pimentel

10 - Sexta
Betty Carter c/ o seu Trio

11 - Sábado
Couraçado Potemkine (filme)
c/ Big Band Arfi

Câmara Municipal de Guimarães

Convívio - Associação Cultural e Recreativa

Patrocinadores: Câmara Municipal de Guimarães, PIZZA HUT, HOTEL FUNDADOR, etc.

Guimarães Jazz 98

12 a 21 de Novembro

Auditório da Univ. do Minho

Org.: Câmara Municipal de Guimarães e Convívio - Associação Cultural e Recreativa

12 - Quinta-feira - 22 h.
L' Orkestre des Pas Perdus (Canadá) Maison Douce Maison

13 - Sexta-feira - 22 h.
Fareed Haque Quartet (EUA) Déjà Vu (Crosby, Stills, Nash & Young)

14 - Sábado - 22 h.
David Linx & Diederik Wissels Quartet (Bélgica) Bandarkah

18 - Quarta-feira - 22 h.
Mário Laginha Quinteto (Portugal / Inglaterra) Nem Guerra Nem Paz

19 - Quinta-feira - 22 h.
Tous Dehors (França) Comment Prendre L'air Sans Attraper Froid

20 - Sexta-feira - 22 h.
Ken Schaphorst Ensemble (EUA) When The Moon Jumps

21 - Sábado - 22 h.
The Either/Orchestra (EUA) Across the Omniverse

Câmara Municipal de Guimarães

Guimarães **jazz** 97

Audatório da Univ. do Minho

13 a 22 Novembro

13 - quinta
Bernardo Sasseti (Portugal)
Mundos

14 - sexta
J. Compani (Holanda)
Música de Nino Rota e filmes de Fellini

15 - sábado
Carmen Linares e Jean- Marc Padovani
& Le Minotaure (Espanha/França)
Canta García Lorca

19 - quarta
Palace d'Arfi (França)
Festin d'Amelle

20 - quinta
Kenny Barron & Mino Cinelu (EUA/Martinica)
Swamp Sally

21 - sexta
Jon Jang Sextet (EUA)
Two Flowers One Stem

22 - sábado
Vienna Art Orchestra (Austria)
20.º Aniversário

Org.: Câmara Municipal de Guimarães e Convívio - Associação Cultural e Recreativa

Patrocínios: Câmara Municipal de Guimarães, Governo Civil de Braga, Citiren Xciana, Portugal, AFAA, IF, HEI, TUF, 9745

Guimarães 2000 **JAZZ**

9 a 18 de Novembro Audatório da Univ. do Minho

dia 9
Gil Goldstein Big Band
"Pastorius & Flamenco Jazz"
Co-produção Culturgest

dia 10
Joe Fonda quinteto
Joe Fonda and From the Source
Ernest Dawkins
New Horizons Ensemble
"Mother's Blue Velvet Shoes"

dia 11
Carlos Maza "Tierra Fertil"
Steve Lacy & Roswell Rudd
"Monk's Dream"

dia 15
Cyrto Baptista Beat The Donkey & Pedro Moreira sexteto
"Com Açúcar, com Afecto"
Co-produção Culturgest

dia 16
Vandermark 5
"Burn the Incline"

dia 17
Ernst Reijseger solo
"Colla Parte"
Giorgio Occhipinti Heroo teneteto
"Global Music and Circular Thought"

dia 18
David Binney's
Free to Dream Ensemble
"Free to Dream"

Bilhetes à venda no Multibanco

Organização: Câmara Municipal de Guimarães
Convívio-Associação Cultural e Recreativa

GUIMARÃES **JAZZ**

14 a 23 nov 2002
Audatório da Universidade do Minho

14. Quinta. 22h00
Bob Mintzer e Big Band
(EUA/USA/POR/HOL/ITA/AL)
Co-produção Culturgest

15. Sexta. 22h00
Eric Person & Meta-Four (EUA)

16. Sábado. 22h00
Brad Mehldau Solo (EUA)
Co-produção Culturgest

20. Quarta. 22h00
Marilyn Crispell,
Gerry Hemingway &
Barry Guy (EUA/GB)

21. Quinta. 22h00
Sheila Jordan &
Steve Kuhn Trio (EUA)

22. Sexta. 22h00
Achim Kaufmann Quarteto
(EUA/AL/HOL)

Herb Robertson and
The Double Infinitives (EUA)

23. Sábado. 22h00
ZFP Quarteto (POR/USA/GB)
Co-produção Culturgest

Peter Erskine Trio (EUA/ITA/NOR)
Co-produção Culturgest

Organização: Câmara Municipal de Guimarães - Convívio-Associação Cultural e Recreativa

Informações:
Telf: +351 253 484 061/2 - Fax: +351 253 484 063
www.cm-guimaraes.pt/guimaraesjazz
cmg.cultura@mail.telepac.pt

Câmara Municipal de Guimarães, MJC, Casa de Cultura, Casa de S. João, Casa de S. Martinho, Casa de S. Nicolau, Casa de S. Pedro, Casa de S. Tiago, Casa de S. Vicente, Casa de S. João Baptista, Casa de S. Maria, Casa de S. Miguel, Casa de S. Rafael, Casa de S. Romão, Casa de S. Teodoro, Casa de S. Valério, Casa de S. Vital, Casa de S. Zé, Casa de S. Zé do Vale, Casa de S. Zé do Monte, Casa de S. Zé do Poço, Casa de S. Zé do Rato, Casa de S. Zé do Saco, Casa de S. Zé do Souto, Casa de S. Zé do Taboal, Casa de S. Zé do Touro, Casa de S. Zé do Vento, Casa de S. Zé do Vinho, Casa de S. Zé do Xisto, Casa de S. Zé do Zito, Casa de S. Zé do Zito do Vale, Casa de S. Zé do Zito do Monte, Casa de S. Zé do Zito do Poço, Casa de S. Zé do Zito do Saco, Casa de S. Zé do Zito do Souto, Casa de S. Zé do Zito do Taboal, Casa de S. Zé do Zito do Touro, Casa de S. Zé do Zito do Vento, Casa de S. Zé do Zito do Vinho, Casa de S. Zé do Zito do Xisto, Casa de S. Zé do Zito do Zito.

GUIMARÃES **JAZZ**

13-22.Nov '03

22h00.auditório.universidade.minho

13 Novembro - Quinta.22h00
Gianni Trossello Big Band
(co-produção Guimarães Jazz, Culturgest e Teatro Avante!)

14 Novembro - Sexta.22h00
Danilo Perez Trio (Panamá/EUA)

15 Novembro - Sábado.22h00
1.ª Parte - Quarteto Solo (EUA)
2.ª Parte - DJJ - Orquestra Nacional
de Jazz (EUA)
(co-produção Guimarães Jazz e Culturgest)

20 Novembro - Quinta.22h00
Anthony Braxton Quarteto (EUA)
(co-produção Guimarães Jazz e Culturgest)

21 Novembro - Sexta.22h00
Randy Weston African Rhythms Trio (EUA)

22 Novembro - Sábado.22h00
Bobby Hutchinson Quarteto (EUA)
(co-produção Guimarães Jazz e Culturgest)

Informações:
Telf: + 351 253 484 061/2 - Fax: + 351 253 484 063
www.cm-guimaraes.pt/guimaraesjazz
cmg.cultura@mail.telepac.pt

Organização:
Câmara Municipal de Guimarães
Convívio

Patrocínios: Câmara Municipal de Guimarães, MJC, Casa de Cultura, Casa de S. João, Casa de S. Martinho, Casa de S. Nicolau, Casa de S. Pedro, Casa de S. Tiago, Casa de S. Vicente, Casa de S. João Baptista, Casa de S. Maria, Casa de S. Miguel, Casa de S. Rafael, Casa de S. Romão, Casa de S. Teodoro, Casa de S. Valério, Casa de S. Vital, Casa de S. Zé, Casa de S. Zé do Vale, Casa de S. Zé do Monte, Casa de S. Zé do Poço, Casa de S. Zé do Saco, Casa de S. Zé do Souto, Casa de S. Zé do Taboal, Casa de S. Zé do Touro, Casa de S. Zé do Vento, Casa de S. Zé do Vinho, Casa de S. Zé do Xisto, Casa de S. Zé do Zito.

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

GVF

GUIMARÃES JAZZ
ENTRE 10 E 19
NOVEMBRO 2005

10 NOV BOB BROOKMEYER NEW ART ORCHESTRA
11 NOV RALPH ALESSI QUARTET FEATURING JASON MORAN 12 NOV SEXTETO ESMÆ
12 NOV ART ENSEMBLE OF CHICAGO - GREAT BLACK MUSIC "ANCIENT TO THE FUTURE"
16 NOV JASON LINDER, BILL MCHENRY, OMER AVITAL AND DANIEL FREEDMAN 17 NOV DAVE LIEBMAN QUARTET 18 NOV KATRINE MADSEN AND THE ORCHESTRA 19 NOV BIG BAND ESMÆ CONDUCTED BY JASON LINDNER 19 NOV MARIA SCHNEIDER ORCHESTRA

Endereço: Centro Cultural Vila Flor, Av. D. João de Gusmão, 99, 4500-149 Guimarães, Portugal
Tel: 251 344 700
www.ccuflor.pt
www.gvf.pt

Camara Municipal de Guimarães **OFFICINA** **convívio** **MC** **ARTES** **Alfama** **Saúde & Vida, S.A.** **Associação de Amadores de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Vila Flor** **Associação de Futebol de Vila Verde** **Associação de Futebol de Viana do Castelo** **Associação de Futebol de Viana do Alentejo** **Associação de Futebol de Viana do Norte** **Associação de Futebol de Viana do Sul** **Associação de Futebol de Viana do Tâmega** **Associação de Futebol de Viana do Tejo** **Associação de Futebol de Viana do Vouga** **Associação de Futebol de Viana do Alentejo** **Associação de Futebol de Viana do Norte** **Associação de Futebol de Viana do Sul** **Associação de Futebol de Viana do Tâmega** **Associação de Futebol de Viana do Tejo** **Associação de Futebol de Viana do Vouga**

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

GVF

GUIMARÃES JAZZ

NOVEMBRO 08 A 17 2007

08 QUINTA | 22H00 PHAROAH SANDERS QUARTET
09 SEXTA | 22H00 RAVI COLTRANE QUARTET
10 SÁBADO | 22H00 JAN GARBAREK GROUP
14 QUARTA | 22H00 ORRIN EVANS QUINTET
15 QUINTA | 22H00 THE JOHN SCOFIELD "REAL JAZZ" TRIO
FEATURING STEVE SWALLOW E BILL STEWART C PUL GRENHAM, ERIC SALVO, FRANK WACH
16 SEXTA | 18H00 BIG BAND ESMÆ CONDUZIDA POR ORRIN EVANS
SEXTA | 22H00 AHMAD JAMAL
17 SÁBADO | 18H00 MATT BENZI, JACOB SACKS, BERNARDO MOREIRA, ANDRÉ SOUSA MACHADO PROJECTO TOAP/GUIMARÃES JAZZ
SÁBADO | 22H00 CHARLES TOLLIVER BIG BAND

Camara Municipal de Guimarães **OFFICINA** **convívio** **MC** **ARTES** **Alfama** **Saúde & Vida, S.A.** **Associação de Amadores de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Vila Flor** **Associação de Futebol de Vila Verde** **Associação de Futebol de Viana do Castelo** **Associação de Futebol de Viana do Alentejo** **Associação de Futebol de Viana do Norte** **Associação de Futebol de Viana do Sul** **Associação de Futebol de Viana do Tâmega** **Associação de Futebol de Viana do Tejo** **Associação de Futebol de Viana do Vouga**

BILHETES À VENDA EM WWW.AOFFICINA.PT

GUIMARÃES JAZZ

NOV 8 A 18 '06

CENTRO CULTURAL VILA FLOR

GVF

08 WAYNE SHORTER QUARTET
09 TOAP COLECTIVO
10 MARC COPLAND TRIO & TIM HAGANS
11 ABDULLAH IBRAHIM'S TRIO
11 SEXTETO DE JAZZ DA ESMÆ
15 ALEXIS CUADRADO, ALAN FERBER, JOHN ELLIS, MARK FERBER E BRAD SHEPIK
16 ANDREW HILL 4TET
17 BRUSSELS JAZZ ORCHESTRA FEATURING DAVE LIEBMAN
18 BIG BAND ESMÆ CONDUZIDA POR ALAN FERBER
18 CHARLIE HADEN LIBERATION MUSIC ORCHESTRA FEATURING CARLA BLEY

Camara Municipal de Guimarães **OFFICINA** **convívio** **MC** **ARTES** **Alfama** **Saúde & Vida, S.A.** **Associação de Amadores de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Vila Flor** **Associação de Futebol de Vila Verde** **Associação de Futebol de Viana do Castelo** **Associação de Futebol de Viana do Alentejo** **Associação de Futebol de Viana do Norte** **Associação de Futebol de Viana do Sul** **Associação de Futebol de Viana do Tâmega** **Associação de Futebol de Viana do Tejo** **Associação de Futebol de Viana do Vouga**

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

GVF

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

QUI 13 **KURT ELLING QUARTET**
SEX 14 **STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS**
SÁB 15 **PROJECTO TOAP GUIMARÃES JAZZ 08 DJANGO BATES & STORMCHASER**
QUA 19 **MARCUS STRICKLAND Quintet**
QUI 20 **KENNY BARRON TRIO**
SEX 21 **The Cookers**
SÁB 22 **METROPOLE orchestra**

Camara Municipal de Guimarães **OFFICINA** **convívio** **MC** **ARTES** **Alfama** **Saúde & Vida, S.A.** **Associação de Amadores de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Guimarães** **Associação de Futebol de Vila Flor** **Associação de Futebol de Vila Verde** **Associação de Futebol de Viana do Castelo** **Associação de Futebol de Viana do Alentejo** **Associação de Futebol de Viana do Norte** **Associação de Futebol de Viana do Sul** **Associação de Futebol de Viana do Tâmega** **Associação de Futebol de Viana do Tejo** **Associação de Futebol de Viana do Vouga**

WWW.CCUFLOR.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

Lee Morgan 70th Birthday Celebration

The Cookers

Featuring Billy Harper, Craig Handy, Bennie Maupin, David Weiss, Larry Willis, Cecil Mcbee and Billy Hart

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

QUINTA 20 22H00

13 QUINTA KURT ELLING QUARTET
 14 SEXTA STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS
 15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
 19 QUARTA DJANGO BATES AND STORMCHASER
 20 QUINTA MARCUS STRICKLAND QUINTET
 21 SEXTA KENNY BARRON TRIO
 22 SÁBADO METROPOLE ORCHESTRA
 CONDUCTED BY VINCE MENDOZA

WWW.CCUF.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

SÁBADO 15 22H00

DJANGO BATES & STORMCHASER

SPRING IS HERE (SHALL WE DANCE?)

13 QUINTA KURT ELLING QUARTET
 14 SEXTA STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS
 15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
 19 QUARTA MARCUS STRICKLAND QUINTET
 20 QUINTA THE COOKERS LEE MORGAN 70TH BIRTHDAY CELEBRATION
 21 SEXTA KENNY BARRON TRIO
 22 SÁBADO METROPOLE ORCHESTRA CONDUCTED BY VINCE MENDOZA

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

M/12 WWW.CCUF.PT

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

MARCUS STRICKLAND Quintet

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

QUARTA 19 22H00

13 QUINTA KURT ELLING QUARTET
 14 SEXTA STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS
 15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
 19 SÁBADO DJANGO BATES AND STORMCHASER
 20 QUINTA THE COOKERS LEE MORGAN 70TH BIRTHDAY CELEBRATION
 21 SEXTA KENNY BARRON TRIO
 22 SÁBADO METROPOLE ORCHESTRA
 CONDUCTED BY VINCE MENDOZA

WWW.CCUF.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

19H00 19 SAB

PROJECTO TOAP GUIMARÃES JAZZ

TOAP

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

BEN MONDER • MATT PAVOLKA • PETE RENDE • ALEXANDRE FRAZAO • JOAO MOREIRA

WWW.CCUF.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

METROPOLE
Orchestra

CONDUCTED BY VINCE MENDOZA
THE WORLD'S LEADING JAZZ & POP ORCHESTRA

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

SAB 22 22H00

WWW.CCUF.PT M/12

13 QUINTA KURT ELLING QUARTET
14 SEXTA STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS
15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
16 SÁBADO DJANGO BATES AND STORMCHASER
19 QUARTA MARCUS STRICKLAND QUINTET
20 QUINTA THE COOKERS LEE MORGAN 70TH BIRTHDAY CELEBRATION
21 SEXTA KENNY BARRON TRIO

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

KENNY BARRON TRIO

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

Sexta 21 22H00

Kurt Elling Quartet QUINTA 13
Steve Coleman and Five Elements SEXTA 14
Projecto Toap / Guimarães Jazz SÁBADO 15
Django Bates & Stormchaser SÁBADO 15
Marcus Strickland Quintet QUARTA 19
The Cookers Lee Morgan 70th Birthday Celebration QUINTA 20
Metropole Orchestra Conducted by Vince Mendoza SÁBADO 22

WWW.CCUF.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS

Sexta 14 22H00

13 QUINTA KURT ELLING QUARTET
15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
16 SÁBADO DJANGO BATES AND STORMCHASER
19 QUARTA MARCUS STRICKLAND QUINTET
20 QUINTA THE COOKERS LEE MORGAN 70TH BIRTHDAY CELEBRATION
21 SEXTA KENNY BARRON TRIO
22 SÁBADO METROPOLE ORCHESTRA CONDUCTED BY VINCE MENDOZA

WWW.CCUF.PT M/12

CENTRO CULTURAL VILA FLOR GUIMARÃES

KURT ELLING QUARTET

UM DOS CANTORES DE JAZZ MAIS COMPLETOS E TALENTOSOS DA ACTUALIDADE

Guimarães Jazz 13 - Nov 22

Quinta 13 22H00

14 SEXTA STEVE COLEMAN AND FIVE ELEMENTS
15 SÁBADO PROJECTO TOAP | GUIMARÃES JAZZ 08
16 SÁBADO DJANGO BATES AND STORMCHASER
19 QUARTA MARCUS STRICKLAND QUINTET
20 QUINTA THE COOKERS LEE MORGAN 70TH BIRTHDAY CELEBRATION
21 SEXTA KENNY BARRON TRIO
22 SÁBADO METROPOLE ORCHESTRA CONDUCTED BY VINCE MENDOZA

WWW.CCUF.PT M/12

LAGOS JAZZ 2004

concertos | conferência | workshop | feira do disco | jam sessions

11 de agosto
conferência: "o jazz no século XXI", José Duarte
18h00 - auditório do centro cultural de lagos
the good times jazz band
21h00 - pátio do centro cultural de lagos
hugo alves, mário delgado,
paulo gomes, rodrigo monteiro, michael lauren
22h00 - auditório do centro cultural de lagos

12 de agosto
big band de jorge costa pinto com maria viana
22h00 - auditório do centro cultural de lagos

13 de agosto
randy brecker & bill evans new york soul bop
22h00 - auditório do centro cultural de lagos

14 de agosto
tgb - fração, delgado, carolino
22h00 - auditório do centro cultural de lagos

15 de agosto
concerto final dos alunos do workshop:
combos e big band
22h00 - auditório do centro cultural de lagos

de 12 a 15 de agosto - workshop de jazz, centro cultural de lagos
11 a 12 de agosto 18h00 - new orleans jazz band, centro da cidade
13 e 14 de agosto 18h00 - new orleans jazz band, praia da luz
de 11 a 14 de agosto - trio de jazz e jam session, stevie ray's blues jazz bar

Organização: Câmara Municipal de Lagos. Produção: Actus, Lda. Apoio: Instituto das Artes/Ministério da Cultura.
Patrocínios: Solidó - Instrumentos Musicais, Lda., Stevie Ray's Blues Jazz Bar, SWR, Zildjian

LAGOS JAZZ 2005

concertos | conferência | workshop | feira do disco | jam sessions

IV ciclo de jazz 11 a 15 agosto

orquestra de jazz de lagos
com miguel martins (guitarra)

hugo alves taxi trio
antonio ciacca trio
krzysztof wollinsky just Q

<http://lagosjazz.no.sapo.pt>

Organização: Câmara Municipal de Lagos. Produção: actus, lda. Apoio: Fender, Yamaha, Solidó, Zildjian, trem azul.

LAGOS JAZZ 2007

concertos | workshops | jazz na rua | jam sessions | mini feira do disco

VI ciclo de jazz 3 a 7 de abril

orquestra de jazz de lagos
com José Menezes

imi kollektief
"snug as a gun" quinteto

mário santos bloco de notas
"encomenda" quinteto

kelvin sholar trio
"the fire bird suite"

lagos jazz summit

jazz na rua: new orleans jazz band

<http://lagosjazz.com>

Organização: Câmara Municipal de Lagos. Produção: actus, Lda. Apoio: Carlagor, marés vivos, Stevie Rays Blues Jazz Bar, Observatório do Algarve.

LAGOS JAZZ 2006

concertos | jazz na rua | workshop | jam sessions

V ciclo de jazz 11 a 15 agosto

orquestra de jazz de lagos
com bobby medina e ricky taylor

duokapi
rick margitza 4tet
lagos jazz summit 7tet

<http://lagosjazz.com>

Organização: Câmara Municipal de Lagos. Co-Produção: actus, lda. Apoio: aveiro tv, Carlagor, marés vivos, Stevie Rays Blues Jazz Bar, Solidó.

museu de angra
2 a 4 outubro 1999

Carlos Martins
quinteto

Toots Thielemans
Kenny Werner
duo

Claude Bolling
trio

John Scofield
Steve Swallow
Bill Stewart
trio

ANGRAJAZZ

1.ª edição

câmara municipal de angra do heroísmo
direcção regional da cultura · direcção regional do turismo

3, 4 E 5 DE OUTUBRO 2002
ANGRA DO HEROÍSMO
Claustro do Museu de Angra

ONLY JAZZ QUARTETO
RUSSEL MALONE
BENNY GREEN · RAY DRUMMOND TRIO

KENNY BARRON TRIO
CURTIS FULLER QUINTETO

LAVERNE BUTLER QUARTETO
BIG BAND DO HOT CLUBE DE PORTUGAL
loca Duke Ellington

angra jazz

Câmara Municipal de Angra do Heroísmo
Associação Cultural Angra Jazz

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ANGRAJAZZ
CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

6.º

angra jazz
1 a 4 OUTUBRO 2004

CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

PAULA OLIVEIRA
quarteto

ANGRAJAZZ
orquestra

BIRELI LAGRENE *Gipsy Project*
quarteto

HERBIE NICHOLS PROJECT
quinteto

MARK MURPHY
quinteto

F.S.T.
Esbjörn Svensson trio

WYCLIFFE GORDON
quinteto

ANGRA DO HEROÍSMO
ILHA TERCEIRA
AÇORES

Bilhetes à venda a partir do dia 24 de Setembro, no Centro Cultural e de Congressos

www.angrajazz.com

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ANGRAJAZZ
CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

7.º

angra jazz
29 SET. a 2 OUT. 2005

CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

ORQUESTRA DE JAZZ DO FUNCHAL

ORQUESTRA ANGRAJAZZ
com Mário Laginha

DIDIER LOCKWOOD
trio

T.G.B.
Frazão, Carolino, Delgado trio

SHEILA JORDAN
com Steve Kuhn trio

DAVE HOLLAND
quinteto

BILL CHARLAP
trio

PRESERVATION HALL JAZZ BAND
septeto

ANGRA DO HEROÍSMO
ILHA TERCEIRA
AÇORES

Bilhetes à venda a partir do dia 21 de Setembro, no Centro Cultural e de Congressos

www.angrajazz.com

ASSOCIAÇÃO CULTURAL ANGRAJAZZ
CÂMARA MUNICIPAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

8.º

angra jazz
04 a 07 OUTUBRO 2006

CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS

ORQUESTRA ANGRAJAZZ
com Zé Eduardo

JOE LOVANO noneto

BRUCE BARTH trio
com VANESSA RUBIN e CARLA COOK

ENRICO PIERANUNZI
piano Solo

ENRICO RAVA
quinteto

FILIPE MELO trio

EDDIE PALMIERI
Afro Caribbean Jazz All Stars

ANGRA DO HEROÍSMO
ILHA TERCEIRA
AÇORES

Bilhetes à venda a partir do dia 29 de Setembro, no Centro Cultural e de Congressos

www.angrajazz.com

MOSTRA BRAGA JAZZ

SETEMBRO 22 23 24
PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE BRAGA
 COMEMORAÇÕES DO BIMILENÁRIO DE BRAGA
21.30h ENTRADA LIVRE

22 SEXTA
 ▶ CONCERTO DUPLO COM HENRI TEXIER AZUR QUINTET E GIANLUIGI TROVESI OCTET

23 SÁBADO
 ▶ CONCERTO DUPLO COM STEVE KUHN TRIO E MATT WILSON QUARTET

24 DOMINGO
 ▶ CONCERTO DUPLO COM TRIO MANUEL BELEZA E JEANNE LEE COM ALAIN JEAN - MARIE TRIO

ORGANIZAÇÃO:
 APOIOS INSTITUCIONAIS:
 APOIOS:

BRAGA JAZZ 2007

15 a 24 DE MARÇO

MÁRIO LAGINHA
 PIANO SOLO / TRIO
 15 MAR, QUINTA 21H30
www.mariolaginha.org

JOHN O'GALLAGHER
 TRIO
 15 e 17 MAR, 22 a 24 MAR, 23H59
 WORKSHOP
 15 e 22 MAR
www.johnogallagher.com

BALDO MARTÍNEZ
 GRUPO
 16 MAR, SEXTA 21H30
www.baldomartinez.com

4 CORNERS
 HAROLD BIRD, ADAM LANE, PAUL TULLOCH/LOVE E BEN VANDEWHAER
 17 MAR, SÁBADO 21H30
www.classic4records.com

LOKOMOTIV
 22 MAR, QUINTA 21H30

JAMIE SAFT
 TRIO
 23 MAR, SEXTA 21H30
www.jamiesaft.com

BUNKY GREEN
 QUARTET
 24 MAR, SÁBADO 21H30
<http://www.bunkygreen.com>

theatro circo

BRAGA JAZZ 2008

ORQUESTRA DE JAZZ DE MATOSINHOS c/ CHRIS CHEEK
6 MARÇO

BASSDRUMBONE
7 MARÇO

GEORGE SCHULLER "CIRCLE WIDE"
8 MARÇO

JOHN TAYLOR TRIO
14 MARÇO

INDIGO TRIO
15 MARÇO

theatro circo

braga jazz 09

10 anos

5 a 14 MARÇO 2009

5 QUINTA MAR 09 QUARTETO DE ANDRÉ FERNANDES
www.andrefernandes.com
www.myspace.com/andrefernandes

6 SEXTA MAR 09 DUAL IDENTITY (QUINTETO DE STEVE LEHMAN/ RUDRESH MAHANTHAPPA)
www.myspace.com/stevelehman
www.myspace.com/rudrestm

7 SÁBADO MAR 09 GIANLUIGI TROVESI SEXTET
www.gianluigitrovesi.com

3 SEXTA MAR 09 GERALD CLEAVER'S VIOLET HOUR
www.myspace.com/geraldcleavermusic

4 SÁBADO MAR 09 MARTA HUGON QUINTETO
www.martahugon.com
www.myspace.com/martahugonjazz

5 e 6 MAR 09 10€ 10€ 40€ 10€ 40€ 10€ 40€ 10€ 40€

theatro circo

